

F Ant3nio  
ernando Cambongue

Romance

# SEM TÍTULO

Trilogia

1ª edição

# SEM Romance TÍTULO

Trilogia  
1ª edição

Como em passos na areia, algumas estórias, se tornam reais, ou quem sabe o contrário...

---

---

## *Ficha Técnica:*

**Título:** ...

**Autor:** António Fernando Cambongue

**Editora Digital:** "ÁGUA PRECIOSA"

**Texto:** Verdana 12

**Design de Capa:** Nenícia Kalandula Cambongue

**Revisão dos Textos:** Prof. Dr. Abílio Lupenha

---

---

# *Índice*

Agradecimentos .....	6
O autor .....	8
Dedicatória.....	10
Prefácio .....	12
Introdução.....	14

## *Primeira Parte*

Não é só assim.....	18
O Sonho .....	20
Passos na aréia .....	22
Sem título mesmo .....	24

## *Segunda Parte*

Recomeço.....	32
Beigo no altar .....	36
O carro da noiva .....	38
No dia seguinte .....	42
Vamos brincar? .....	46
Chá de boldo .....	50
Uma pergunta .....	56
Um pedido .....	58
O dia que Romeu e Julieta Sentiram ciúmes .....	60

<b>Saudade miúda.....</b>	<b>64</b>
<b>Todos os dias assim .....</b>	<b>68</b>
<b>Amizade perigosa .....</b>	<b>70</b>
<b>Aquele sonho .....</b>	<b>74</b>
<b>Páginas sem título .....</b>	<b>78</b>
<b>O segredo da água.....</b>	<b>80</b>
<b>Um bilhete .....</b>	<b>84</b>
<b>A oração.....</b>	<b>88</b>
<b>Saudade .....</b>	<b>92</b>
<b>Uma vírgula.....</b>	<b>98</b>
<b>Eu não morro .....</b>	<b>100</b>
<b>Sobre o Autor .....</b>	<b>102</b>

# Agradecimentos

Ao Eterno Deus, arquitecto e promotor da vida, a Ele todo louvor pela vida e toda sabedoria.

Agradeço à Dr.<sup>a</sup>. Professora e jornalista profissional de Rádio, a cargo da Rádio Nacional de Angola, Lídia Vindula, que exerce suas funções na Rádio Huíla, posto fíxiço do Lubango; pelo seu carinho, dedicação, simplicidade e pela sua nobre natureza acolhedora. Reconheço que foi por meio de sua calma reitora, que os meus primeiros debandanados escritos (caderninhos) se tornaram obras reais e credíveis, com ampla visão, e com critérios correctos e dignos de admiração e educação. Sim, graças a si, hoje escrevo, éh, "eu me lembro, mana"; Ao meu amigo Henriques Vongula Gabriel (Talito), pelo seu carinho digno de admirar as coisas e, por duvidar de todas as coisas que a mente não pode calcular serem credíveis; Ao notável amigo e compadre Zitho José; a quem de igual modo, reconheço que tenho muita gratidão, e dívida também...; Ao ilustre amigo Januário Samunda (Stona). É isso aí, tem mesmo gostinho de galinha: As notáveis e caríssimas doutoras amigas, orientadoras e prestativas; Directora Geral dos Serviços académicos Clemilde e Núria Ximene, por todo apoio e consideração; Ao destacado "Tobonha" António Mukuata da Costa, pela sua generosidade em compartilhar referências, e encorajamentos. Grato por permitir que sobre si eu escrevesse um romance, embora fictívio em "Passos Na Areia"; Devo incomensuráveis agradecimentos ao "Napoleão Solo" o mestre da espada, Almeida António Ngongo, meu amigo do século XX; Aos meus amigos e familiares que têm sido fonte inesgotáveis de apoio e consolo, dos mais variados tipos; A todos vos, quem sabe, que de alguma forma reconhecerem suas histórias nas páginas desse romance, o que dizer? Pronto, que releiam-no; E em fim, a todos que se descobrirem e descobrirem um título nas páginas da cada parágrafo dessa obra (sem título); a todos vós, que por vários motivos, a saudade se parece como uma dor perdida, em pleno olhar próximo, mas impossível de... pronto, assim mesmo. A todos vós.

A todos vós cuja história, tem ainda, uma vírgula.



# *autor*

Se uma pessoa sobreviver e reviver de em deserto e por fim, alguém lhe der água, por mais que essa pessoa se afaste dela ou fuja para não ser mais vista, ainda assim, será saudada em seus pensamentos. Nem sempre se espera isso, mas assim é. Por isso, nem que for à nós mesmos, devemos fazer uma leitura. E, como uma cacoépia, se por sorte alguém lhe perguntar: - Oi como vai? Que possamos responder: - Estou bem e em plena calma, ditosa e idosa paz.

Como se tratasse de um sonho, um bom sonho agora em vivência, mas de repente você acorda. Uff! Você até tenta sonha-lo novamente e como é bom, mesmo que até pareçam impossíveis. Por isso, as vezes me escondo por atrás de histórias e sentimentos alheios, e quem sabe, e então, meus dedos atrevidos, as redigem.

Como em passos na areia, sempre tive vontade de acreditar que a passagem mais barata para se conhecer o mundo é através da leitura. Mas, ai ai, o mundo está vestido de aventuras, e quantas são as curvas? E nisso, quantas pessoas acham o seu amor-perfeito? E se acham, quantos fazem-no durar? Imagino que cada um terá sua opinião. Mas a verdadeira história e pura, é aquela que penetra no interior das vidas para então sentir e compreender a acção praticada. Por isso, digo: - Se todos os homens entendessem o verdadeiro significado do amor, eles escreveriam cartas, cartas para si mesmos, nelas se citariam. Assim mesmo! Nelas se citariam. Mas por trás de toda acção, existe uma cortina de influências...

Então, vamos reviver esse/este ou aquele tempo.

Quem sabe, o seu tempo, sua história!

**Não deixe para amanhã, leia-o, já!**

Sem dúvida está é uma história excitante e que tira o fôlego de qualquer leitor. Com rápidos olhares e insistentes convites para voltar à leitura, as dúvidas crescerão ao mesmo tempo, e as possíveis respostas, são como imaginações vividas ao pé das lembranças inquietas; para todos que se virem nela, até para os convidados... Mas, se vai chover ou não, olhe nos céus não pergunte a galinha...



# *Dedicatória*

A todos vós, cuja história tem ainda, "UMA VÍRGULA".

---



# Prefácio

*Sabe, por natureza a mulher é parte intrínseca do homem e assim o é o homem a mulher, feitos um para o outro. Atraídos pelo propósito original de suas existências, eles sempre são convidados a se unir, tarde ou cedo. Mas enquanto isso não acontecer, eles vivem se desejando, até se acharem e se completarem. E quando se acham, se completam, e NÃO ACHARÃO ALEGRIA MAIOR do que essa.*

Assim era com Talito e Manaya, e não só, mas famílias que apostaram em um romance, e eles, como a luz e as flores, se amaram docilmente, éh, assim mesmo. E tem mais uma coisinha, foi nesse tempo que Romeu e Julieta sentiram ciúme. Mais do que se pode pensar. Toda atracção da natureza lhes conhecia e, o futuro, mesmo sem idade, lhes esperava, em pleno compromisso. Manaya era uma mulher sábia e muito dedicada e fazia de tudo para fazer de sua casa uma fortaleza de puro character, uma oficina de trabalho, um cofre de honra, um ninho de amor, uma escola contra renúncias degativas, um oásis de abraços e sorrisos de boas-vindas, um refúgio seguro, como se de um templo se tratasse. Assim viviam, confidentes um para o outro... ATÉ QUE um dia, OS PROBLEMAS CHEGARAM A CASA DESSE CASAL e, ao baterem na porta, querendo entrar, o dono de casa se apressou a responder:

- Felizmente não podemos recebê-los em nossa casa, porque já não temos nenhuma cadeira para ti.

Mas o problema se apressou a responder:

- Não se preocupe, eu já tenho a minha própria cadeira.

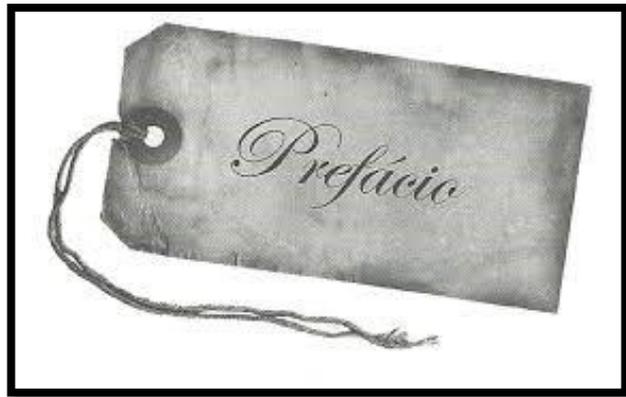
Essa voz era até certo ponto conhecida, mas escondia o seu rosto no invisível.

E agora, será que essa mão negativa e fria contra esse lindo destino anceoso chegou a lhes tocar? E depois?

Eu digo que; é uma boa pergunta para começar a ler este livro.

... Imagino que você pode exclamar: - Não pode ser...!

Vire a página...



# Introdução

*Bem, para começar, até gostaria de começar a relatar em que ano foi, mas na verdade eu não me lembro. Mas o que posso lhe contar é que pode se tratar de um intrinseco romance eterno, ou melhor, não exatamente uma história de amor, mas "a história," (e pode ser a sua história, sim, você a que lê), sua história, seu nome em outras letras.*

Sabe, o nome de um verdadeiro cavaleiro pode ser citado muitas vezes, mas a natureza só canta por ele, "quando ele nasce, quando se casa e, quando deixa de existir", mas não fique reticente, a história de um homem nunca termina. Por isso que essa história ultrapassa todas as imaginações.

Mas ainda é melhor esquecer tudo que voce já leu até agora e pensou, e esqueça também tudo que você está a pensar que sabe. Lembre-se, um homem nunca ouve tudo sobre si mesmo, opá, só que você escolheu ler exatamente este livro. Pronto, então leia-o com muita atenção, mas tem que ser hoje, porque uma das partes mais importante da história de todo ser humano, o amor ocupa páginas que nunca terminam, e muitas vezes aquilo que você não queria ouvir... Por isso que estas páginas são até agora, "sem título", para não lhe deixar intrigado e, quanto ao título, vai ficar reticente, porque "você" vai se encontrar em cada página deste livro.

...

Como qualquer história de romance, imagino que o caro leitor esperava o mesmo como: ERA UMA VEZ ou talvez, NO PRINCÍPIO... Mas não é o caso. Estas páginas lhe desafiavam ainda mais, porque é sem dúvida uma conjugação muito imponente. Bem diferente de qualquer história, e como guardados um para o outro, Talito e Manaria se encontraram NO TEMPO, com olhares impressionantes e como estrelas imponentes nas páginas na vida. Seu amor se tornou puro, conjugado como uma luz cedenta em horas escuras, a mais brilhante do que a de qualquer outra figura de sua época e lugar. Romeu e Julieta sentiram ciúmes. Tornou-se vizivelmente uma história única e, ao mesmo tempo, de alcance universal. É até hoje, uma inspiração recorrente, como um tema reproduzido

nas artes, na literatura, na música e depois, quem sabe nos cinemas de muitas mentes verdadeiramente inquietas com o parecer. Tudo se tornou verdade, visível e pública quando a história começou e em todo o decorrer.

Além de uma história de folhetim, além de abraços e verdadeiras promessas de amor, em plena luz do dia ou em noites de calor em entregas amorosas, reias; além de tudo isso, este é sem dúvida um livro que abanou a base de muitos pensamentos.

Pode ser a sua história. Mas antes que não exatamente lhe aconteceu leia agora, "sim, pode ser a sua história", leia agora e se lembre de cada página de seu passado, presente ou futuro em letras de saudade, ou, antes que não lhe aconteçam.

Ora bem, se realmente coincidir com sua real história, na verdade foram os meus dedos atrevidos e não as lembranças que me fizeram desenhar isso. No entanto, até se tornou em um grande segredo.

Veja, é um romance que foi escrito nos livros, gravada nas memórias mas rasgada em muitos corações. No entanto, noutro lado das páginas uma revira-volta das suas vidas pareciam se estrassalhar, mas como também acontece, a luz de um novo amanhacer espreitava e nova era estava por vir.

Talito sabia que agora terá que engolir todo orgulho, pois entendeu que não seria fácil voltar para casa e enfrentar esses inimigos reias ou invíveis... bem, terá que lutar de igual modo para concertar seus erros e provar e se provar digno da confiança e desse amor rasgado.

Enfim, é a história mais viciante e cada página tem uma vírgula a mais, só que, as vezes a saudade chega a ter a fama de uma paixão proibida. É um amado ou terrível segredo engavetado em muitas mentes.

Contudo, nem tudo é tão simples quanto parece. Se fosse, então seria uma história qualquer, mas não é. Por isso, esquece tudo que até agora já tentou pensar e tudo que leu até agora, porque essa não é uma história como você pode pensar, é uma história que pode viver, por isso, antes que não a viveste, **LEIA AGORA!**



# *Primeira Parte*



# Não é só assim

Como uma consulta regular a mãe natureza, Ngongo e Talito subiam as montanhas e pediam a mãe natureza conselhos para a vida, conversavam com os pássaros e as grandes rochas, perguntando a eles e a si mesmos, dentre os vários segredos da existência, qual era o maior de todos. Mas sempre saiam com a mesma resposta... "O TEMPO, a prudência." Ó seres humanos ignorantes, olhai para os passos de uma tartaruga, o quanto medita nos seus passos, para além da insistência de seus companheiros seres vivos. – anda mais rápido, olha o tempo.

E esses meninos guardavam suas palavras e todas emoções na mente, investindo no tão augurado futuro.

Desfrutavam das belezas naturais, à vista de longe e de perto.

Ao cair da tarde, Talito e seus amigos, desciam das montanhas com mais cuidados do que quando subiam. Com suas mentes repletas de verdades inertes ou suficientes para acreditar na vida. Essa vida que para muitos se torna mais clara quando se tem uma verdadeira parceira e companheira. Éh, assim mesmo.

Com muito cuidado desciam os montes, desenhando seus passos nas pedras, lembrando-se da tartaruga. Ora se agarravam nas árvores, ora nas pedras para fugir ou escapar de qualquer perigo dos ventos em alta pressão das alturas, em nome de toda ambição da saudade do futuro ansioso.

- E então, quando você for adulto, bem mais velho e quiserás se casar com quantos anos de idade?

- Eu não sei muito sobre isso, mas só quero me casar com alguém que me aceite como eu sou. E quero ser muito feliz. Pra mim, isso é tudo.

- Ok. Eu quero ser muito feliz, e prometo a mim mesmo que, a mulher que se casar comigo vai ser muito feliz.

- Meu amigo, você promete cuidar bem da sua mulher?

- Meu amigo, em nome do amor que sinto por mim por você, meu amigo, eu prometo cuidar e amar bem da minha mulher.

- Bem-amada.

- Bem-amada mesmo.

Ambos juraram...

Pararam por um instante, olhando de longe pela cidade que lhes esperava.

O sol se despedia de longe entre as montanhas, e os olhos de Talito mergulhavam em todo seu amor. Mas o tempo passava devagarinho.

Ainda só eram meninos.

# *Sonho*

A madrugada fria abraçava plenamente o corpo e a alma do jovem Talito. O sopro da neblina lhe trouxe à memória muitas lembranças. E, sonhava assim:

- Bom dia!

- Éh éh éh éh.

- ... Não me vais responder?

Manaya começou a dar alguns passos para uma direcção própria dos sonhos, indo à algures da imaginação. Já distante, Talito gritou:

- Ei menina!... Quer dizer, princesa! E tu te vá! A sua voz se envergonhou e o sorriso preveniu-se de errar, então, optou por sonhar para além do sonho. Apertou os olhos e em seguida abriu-os rapidamente. Procurou sonhar outra vez para encontra-la. Mas o sonho se escapou por uma simples imaginação e já estava acordado. Pronto, perdeu o sonho.

- Mas como! Exclamou, já com os olhos abertos, fora do sonho.

- Ah, se eu soubesse! Estar próximo dela, descrever o tempo que ela economiza para tratar de seus cabelos, porque bem sei que são lisos e curvados como a serra da Leba. Sim, pretos ou claros, acasatanhados também, como os seus olhos iguais ao futuro que tanto anseio. Na massa atómica do seu corpo e na valência de seu andar eu revivo, yes.

---

- O jovem Talito monolovaga com o desejo de voltar a voltar a sonhar.

- Oh, prometo encontrar-te, Manaya dar-te-ei um abraço como nunca, porque sei que és fresquinha como a pera da Humpata nos lábios de uma criança madrugadora. Pura como o olhar que floriu no sonho. Sonho que roubou-me a fala.

Começou a desenhar palavras como ensaio para uma iminente conquista.

- Ai Manaya, quem me dera se todos os tempos fossem hoje. Com você eu

~~vivo em todos os tempo, passado infantil - presente e futuro, eu, você, velinhos.~~

# PASSOS NA ARÉIA

De antemanhã ao crepúsculo os cidadãos do Lubango ainda conservavam seu costume de acordar com suas anotadas preocupações, trabalhar, no campo ou nas indústrias mas com o mesmo fim, desenvolver o país. Pelo que, visitavam as ruas que por sorte, também eram pintadas de muitas esperanças e sonhos. Crianças, jovens e velhos sonhavam por alguma coisa na vida. Talito também.

Cada um tinha o seu próprio mundo, mas ambos, ligados na esperança de ver Angola cada ves melhor. Assm era comumente mas neste dia, Talito não saiu à rua até ao momento em que as sombras das árvores já cansadas de dar frutos pintavam o rosto de muitos vizinhos.

As horas passaram por cima dele sem perceber. O seu subconsciente ignorou pensamentos alheios e como solução olhava a volta do quintal procurando por alguma coisa. Mas ainda pensava no sonho, ou em qualquer coisa para ocupar seus olhos. De repente viu um papelzinho se arrastando à volta do quintal e o apanhou. O aspecto do mesmo era desprezível mas a cor e a grossura demonstrava um certo interesse.

- Mas, isso se parece com um convite. - Disse ele.

Com dúvidas no rosto, começou a ler as palavras escritas em negro.

*Hoje é mesmo o seu dia”.*

- O quê?! Talito desenhou em seu rosto uma expressão duvidosa. Começou a olhar gradualmente para várias direcções procurando por alguém que talvez pertencesse tais palavras, guiadas pelo vento.

- Logo na minha mão, hoje?!

O folheto não apresentava um aspecto recente, pelo contrário, velho, pisado muitas vezes. E ele muito se perguntava.

- De onde deve ter saído isto?

Foi pensando enquanto relia e virava-o várias vezes. O seu subconsciente o convidou a duvidar e a desenhar em si mesmo como sinónimo de frieza no rosto, pensando em todas as tristezas do dia. - Mas pronto. Pensou ele.

- Que tal sair um pouquinho e convidar ela a receber-me em sua casa?

Com a mão esquerda no queixo, abanou a cabeça da direita e a esquerda e passeou com os olhos no céu.

- Muito bem... Disse Talito bem alto, enquanto julgava que alguém o tivesse ouvido, olhou escrupulosamente à sua volta. Mas, ninguém. O sol estava muito bem animado, embora se despedindo do dia. O seu subconsciente bateu palmas, girou rapidamente e levantou o braço direito e sorriu como nos tempos do arroz com feijão e quissangua. Essa parte ele se lembrou com muita gula.

- Só tem que ser a Manaya que deve ter escrito isso para mim. Pensou ele.

Pôs-se a caminho, em direcção à casa de Manaya.

# *Sem título*

## *MESMO*

Andava e sorria com as mãos nos bolsos.

Parecia tudo perfeito. Respirou muitos anseios. Acreditou que dos céus fosse chover arroz com feijão.

Diante dos seus passos, as árvores cantavam pela força do vento, que ia para a mesma direcção. As árvores pareciam como um coral preparado para actuar num estádio de cem mil espectadores. Os seus ouvidos procuravam no cantar das árvores, a voz mais fina para desconfiar e sussurrar " – Manaya!

Em seus pensamentos dizia:

- Vou pintar os seus lábios com o sabor de arroz com feijão, antes de a noite pintar os nossos corpos, vou deixar o sol entrar entre o balançar das cortinas, para saudar os nossos segredos contados com saudade rara.

Deu sorrisos de vários estilos enquanto o sopro da natureza lhe convidava para se apaixonar mais e mais. Que natureza agitadora. Caminhava com sorriso nos olhos. O amanhecer estava dentro dele mas o sentido era mesmo assim, sem título. Estava mais apaixonado de si mesmo e para sorrir e acreditar em si, na vida e em tudo, não esperava elogios. Julgou que estivesse num salão de bodas. Aleluia!

- Ela é minha! Dizia e abanava a cabeça de cima para baixo, dando-se razão. Enquanto isso, só lhe restavam alguns passos para chegar à casa de Manaya. Despertou-se. O seu campo emocional estava alterado e começou a transpirar. Bateu o portão três vezes com apenas um dedo. Enquanto esperava, convidou-se a tremer um pouco e disse:

- É próprio, acha que é fácil. Aié, brinca.

Mas o seu subconsciente se levantou e começou a lhe incidir medo.

Que haja fé. E, que seja uma operação com um mínimo de disciplina e inteligência, para não acabar tristemente numa girândola desesperada de fogo antiaéreo ou numa decepção inesperada de pontapés. *Que palavra, pontapé, numa operação de amor como essa?! Conta outra.*

Deu-se coragem, mas ainda sentia calafrio. Pensou em voltar, mas não foi a tempo. E quando pensou em virar-se para sair, ouviu atrás de si:

- Boa tarde...

- Sabe, o futuro é um segredo do coração e ele apaixonado, é meu íntimo amigo.

Talito falava, sorria e pedia em gestos, que fosse convidado a entrar e sentar-se ao lado dela.

A natureza estava orgulhosa ao vê-los juntos. A emoção era notável por parte dos dois e pareciam como bons terrenos férteis para se plantar amor e muitos sorrisos. Estavam a aspirar flores e não sabiam onde se encontravam. Foram convidados para estarem noutra nível emocional. Enquanto isso, encantava-a com palavras e olhares que depois foi interrompido com um convite.

- Esteja à vontade.

Ambicioso apressadamente os seus olhos testemunhavam o que seus pensamentos haviam desenhado imagináveis encontros românticos com ela. Mas como nem todos os planos saem sempre como se pensa, Talito deparou-se com uma recepção de crianças que desfrutavam da tarde fria, sem pelo menos um chá para se lembrarem da terra da Muralha da China. Os seus planos quase que batiam record mas, as crianças lhe pareceram como água fria em plena noite de frio. Para conquistar Manaya Talito viu as crianças como obstáculo, pensou em chama-las a fim de cultivar amizade entre elas. Sob seu anelo, à distância instigou sorrisos para elas e animava-as para chamar a atenção.

A expressão verbal de Talito parecia como um contador de histórias ou de filmes, mas que se esqueceu de uma grande grande oportunidade. Já estava escuro. De repente ouviu o barulho do riscar do palito de fósforo e o candeeiro se acendeu.

- Éh afinal já está noite! Muito bem, é... criancinhas, pronto... eu... sou um grande cantor mas...

Talito perdeu a regra morfológica e balbuciava enquanto olhava para várias direcções e se encorajou a saúdar, mas os seus lábios dançavam de dúvida. Insistiu e disse:

- Boa...noite, Manaya!

Enquanto refletia sobre o tempo e oportunidade que perdeu, sem ele perceber, as cortinas da porta principal de casa se abriu, e ele percebeu que um homem entrou na sala. E ouviu uma voz grossa a lhe saudar:

- Boa noite!

Um calafrio visitou Talito e mesmo sem comer nada, rotou e se engasgou mas, conseguiu guardar a chance de ser notado e se apressou a responder:

- Boa noite... Homem, não, quer dizer senhor, tio!... É verdade... oko, ene, sim!

Talito gaguejou com o sorriso desenhado nos lábios mas sem mostrar a cor dos dentes. Sentiu vontade de desmaiar, ou se levantar, se tivesse essa sorte. Pensou em recuar o tempo, mas acreditou que ainda não existe uma máquina para isso, então, pensou em perguntar onde estaria a mãe da Manaya, dona da casa. Mas o homem se antecipou e impaciente perguntou:

- Muito bem... quem é esse jovem, Manaya?

Olhando para qualquer canto, Manaya respondeu:

- Ele é o Talito, meu amigo.

Pela resposta da Manaya, Talito se sentiu orgulhoso e com vontade de agradecer com palmas, mas o seu subconsciente e as suas próprias mãos ignoraram esse pedido. Pensava nos dias bons mas não se esqueceu dos maus dias. Tudo estava num curso anormal, como um romance, sem título. Os minutos estavam cada vez mais lentos e pensou:

- O que faço agora?

Pensou em outras coisas para desfazer essa realidade. Desenhou em seus pensamentos, algumas empregadas à sua ordem e a se rir de várias vidas e da vida de ter concretizado o plano de se guardar no colo da Manaya. Mas a realidade continuava sendo realidade, um homem impaciente estava a sua frente, esperando respostas. Sorriu, sem saber que fê-lo. Pensou em criar um problema e fugir em seguida. Endireitou-se vezes sem conta na cadeira. Cruzou e ajustou as pernas inúmeras vezes até cavar um buraco no chão com a parte traseira dos sapatos.

Lembrou-se de que não havia almoçado e, o seu estômago calculou todas as refeições perdidas durante o ano e sentiu muita fome na mesma hora. Então ouviu-se um barulho que julgou-se ter vindo da barriga dele. Apenas endireitaram os corpos e olhares, mas ainda assim continuaram a olhar para ele. Os seus lábios ficaram secos no momento, como um vassalo de um rei sem trono e cansado de tentar fazer greve. De tanto silêncio ouviu-se o barulho de sua saliva a atravessar a garganta várias vezes.

- O amigo da mana afinal é mesmo um cantor.

- Uau! Já desconfiava! Disse o pai da Manaya. - Pela expressão e posição do homem, deve ser mesmo um grande cantor.

- Papá ele é cantor. Acrescentou uma das crianças.

- Oh, ainda bem. A muito tempo que não ouço música ao vivo. Se esse indivíduo é mesmo cantor, então ele vai cantar aqui, agora. Disse o homem impaciente.

As crianças começaram a bater palmas, mas Talito gemeu e tentou engolir saliva, mas a sua garganta estava muito seca. O pai da Manaya insistiu, dizendo:

– Manaya vai ligar o gerador e liga as luzes aqui em casa. Ele tem que cantar. Ele afinal é músico ou cantor sei lá. Então vai cantar aqui!

Um tempinho se passou, e Talito de tanto medo começou a apertar a cadeira e de tanto ficar inerte, os seus braços já lhe cobravam mudança e movimentos constantes. Sua posição imóvel, fez com que a cadeira em que se sentava começasse a perder alguns pregos que a uniam. Então se lembrou do folheto que leu. – Hoje é mesmo o seu dia. Pensou em visitar os bolsos das suas calças, a fim de encontra-lo se possível. Mas, por quê o meu dia!? Em seus pensamentos, se perguntou-se várias vezes enquanto esperava o conselho do seu excelso subconsciente. Mas desta vez, nada. E lá no fundo, um-a-um,

os pregos que agarravam a cadeira onde ele estava sentado começaram a se despregar. Todos na sala estavam em silêncio, só não sabiam esse era um aperitivo para grandes cenas iminentes. Não tardou. O seu estado abúlico trouxe desespero à cadeira por onde se sentava. E de repente um barulho rasgou o silêncio na sala:

Rrrrr...cruammm puammmmmmm.

Finalmente a cadeira estragou e, Talito caiu com as pernas no ar e as crianças gritaram no mesmo tempo.

- Obaaaa! O amigo da mana também sabe dar filique.

- Chega de malandrices dentro da minha casa!

Talito já não teve tempo para se despedir e saiu a correr para qualquer direcção que desse destino para fora de casa.

Saiu de casa de forma debandada e bem na porta se deparou com uma senhora que não reconheceu nem teve tempo de saudar. A senhora quase que apanhou um grande susto, e sem saber o que se passava, nem o que fazer, logo em seus pensamentos pensou; esse jovem está a sair na minha casa a correr?! É gatuno. Pensou logo na sua botija de gás, e começou a gritar muito alto:

- Socorro, socorro, gatuno! Ene vakue, gatuno.

A dona de casa começou a gritar desesperada e nem pensou em espreitar dentro da sua casa.

- Ene, socorro, socorro! Esse malandro roubou a minha botija de gás. Gatunoooooooo!

Em poucos minutinhos, as pessoas começaram a vir de vários lugares, e de longe també respondiam:

- Gatuno! Gatuno!

- Ai ué, a minha botija de gás...

- Ai ué, tia Maria, socorro, socorro!

- O que é mana?

- Oh mana Maria, é gatuno, na minha casa.

- O quê?!

- Ei, vocês, gritem mais alto... gatuno.

- Gatuno... gatuno... gatuno... gatuno... gatuno...

E de vários lugares e em várias vozes se ouvia:

- Agarra gatuno! Gatuno... gatuno...

- Agarra gatuno!

Uma outra vizinha se lembrou do seu cão e não vacilou em chama-lo.

- Bobi, squada... agarra Bobi!

O cão se apressou e corree para qualquer direcção landrando ancioso.

- Squada Bibi!

Outra vizinha chamou e ordenou várias vezes ao seu cão para correr atrás do suposto gatuno, mas esse cão, distraído à essa situação, apenas mostrava e mexia o seu rabicho lentamente mas não se movia.

Enquanto isso, Talito corria e não olhava para trás. Correu para uma direcção contrária a do portão de saída.

Manaya e todas as pessoas que estavam dentro de casa saíram muito mais preocupadas e julgaram que se tratasse de um verdadeiro gatuno e também gritaram:

- Gatunoooooooo, Gatunoooooooo, Gatunoooooooo!

Tão logo que Manaya saiu, se apressou a procurar pelo seu querido Talito com os olhos, mas a noite já era adulta e não se podia reconhecer alguém pelo rosto. Nessa confusão, o vizinho Minguito recebeu a mesma informação e se apressou a chamar os seus dois cães. A postura dos mesmos, era como se estivessem preparados para uma demonstração de grandes feras em um combate livre, até a morte. O cão mais magro não gostou do trabalho, ficou triste e guardou o rabicho. Mas com a coragem do outro, ambos

se olharam, e como um toque de partida, ladraram e correram para qualquer direcção deixando poeira para traz.

Através da agitação do capim e pelo rasto da poeira ignorada pela escuridão, cada um concluía a direcção tomada por Talito, como em passos na areia.

A criança que estava no colo da tia Maria, com a chucha na boca, indicou para uma direcção qualquer e gaguejou:

- Talito, `stá lá...

# Segunda Parte

---

---

# Recomeço

*Como são bonitos os teus pés, calçados com sandalhas, óh filha de princepe! As curvas dos teus quadris são como joias, obra das MÃOS DE UM VERDADEIRO ARTISTA. Ó é o meu amor, em muitas delícias!*

Depois de muitas madrugadas repletas de muitas outras saudades e anseios, a chuva acabava de cair, confirmando um recomeço; UM RECOMEÇO. Assim mesmo. O céu, a terra e os homens se uniram em sorrisos de gratidão, expressos em todos os rostos. Rostos pintados de alegria, motivados pelo brilho do sol que rasgava as cortinas das nuvens, que abrilhantavam os céus abraçando corações, na saudade dos tempos que cada um se inclinava.

O aro-íres era o convidado de honra.

- Olha lá, o do aro-íres!

A tarde era como carta real, como um saudoso abraço esperado, depois de "passos na areia". Tudo se alindava em perfeita conjugação. As andorinhas celebravam em plena luz da tarde, como se tratasse de uma celebração de boas-vindas ao tempo de vida e rejuvenescência. Mas ainda assim, era, SEM TÍTULO. Ninguém conseguia descrever essa saudade presente. O sol tinha um novo brilho e nos rostos das crianças se via o significado de saudade como envelopes de amor. Todos se lembravam de alguma coisa, não de um amor, mas DO AMOR além das páginas de papéis. Tão real como é na sua sublime origem.

As mulheres de idade mais avançadas se lembravam de muitas saudades e alegrias não descritas, em abraços de jovens, enquanto jovens nos braços daquela real saudade. Essa emoção mexeu e enxeu muitos rostos de lágrimas, e muito amor.

Oh! Algumas crianças descobriram essa doce saudade, se levantaram e em marcha fiel nas curvas das águas da chuva, seguiam e corriam com emoção para qualquer direcção. Enquanto outras brincavam nas pistas da areia deixadas pela marca da chuva.

Aos que confiavam seus olhos nos céus, paz e amor recebiam e quando voltassem seus olhos à terra, descobriam vidas alegres e repletas de mais vida e paz sem igual. Vidas

que antes se escondiam na sede; sede de viver uma vida eternidade. Agora, ávidos pela vida, molhados de muitas verdades, de forma visível e natural. Assim mesmo.

Talito e sua própria saudade, ambos se encontravam apaixonados uns aos outros.

Oh, pode se pensar, mas ele tinha saudade e até das saudades que ele sentia, éh da infância e de outros ânimos e mimos de saudade necessária. Desenhou em seus pensamentos joaninhas-voa raras, mas no céu via andorinhas embelezando o azul celestial. Sentiu saudade da bela infância e acreditou não ser impossível vive-la hoje. Ainda se lembrou do sorriso da sua amada namorada e acreditou que no sorriso dela se cruzava o passado, o futuro certo e o verdadeiro presente. Ele sonhava pela saudade de um sonho, igual a sua infância. Sorriu como se estivesse abraçando ela. O tempo se apoderou tanto nela que a gula e a força de viver, sempre se cruzavam nas veias dessa bela mulher. Doce, verdadeiramente, com reticências orgulhosas... uh! Assim mesmo como leste.

Nessa saudade, Talito também encontrou nas veias de Manaya, a gula de viver, em cada abraço os mesmos sonhos e, foi...

- Quando será o casamento? – Pensou ele.

...

Talito e Manaya planejaram tudo: até em que marca de carro anadariam, "o carro da noiva". Mas uma dúvida oscilava em seus pensamentos.

- Será que vão nos aceitar nos casarmos num carro de marca Hilux, em vez de ser num carro pequeno de noiva como é comumente?

- TOYOTA HILUX?

- Mas eu quero.

- Eu também quero.

- Será que vão concordar?

- Mas eu sou o noivo.

- Mas eu sou o noivo.

- ... Sim, mas o carro de noiva sempre tem que ser de modelo normal ou pequeno, Hilandra, Yunday, sei lá, tem que ser turismo, talvez.

- Pronto, que seja um carro que me permita te abraçar.

- Mas eu também queria me casar num carro de marca Toyota Hilux, o carro de seus sonhos.

- Éh! Mas eu também te digo que não vão concordar conosco.

E ambos começaram a se rir.

...

Um pouco de tempo se passou.

Talito decidiu viver e partilhar todo o resto da sua vida com Manaya, não mais como namorada, mas sim, como esposa presente. Por vários motivos, não somente porque estava apaixonado ou talvez pela conjugação de seu amor, mas, porque encontrou em Manaya uma justa conjugação de todos os tempos; passado, presente e futuro. E disse:

- Vou me casar com ela.

Não tinha dúvida que a amava. Não somente com o coração mas também com a mente. Embora diferentes e falhos, mas algumas coisas se conjugação certo: Ambos conjugavam os mesmos sonhos, tinham as mesmas visões e a mesma gula de viver, "sempre jovem". – Por isso que ainda estou vivo! Todos os dias, agradeço cada oportunidade de viver, porque você está aí. Sempre que estiveres aí ou aqui, sempre terei mais um e outro motivo para viver. Assim exclamou em seus pensamentos.

Nessa hora, numa distância de muitos bairros, Talito desenhou em seus pensamentos, muitas alegrias, embora visse nessa distância de muitos bairros, montanhas, rotundas e becos, até que em seus próprios pensamentos chegou ao seu próprio encontro. Achou-se em silêncio, se mexeu e preferiu quebrar o silêncio com uma doce música, cujas letras eram em inglês e em chinês.

- O amor é mais puro do que se possa imaginar e não existe limite ou sistema linguístico. Mais importante que isso, é viver a justa verdade de nossas vidas, eu amo ela, éh e ela também. Isso sim nos importa.

Na sala de sua casa, a música tocava, elevando seus anseios.

Uh! Ninguém pode viver sem amar, nem amar sem viver.

Nessa saudade por ele mesmo, o sol não só sorria, mas também se despedia para a missão desse dia. Ao fim e ao cabo, a luz do sol se despediu e nada mais se ouvia senão melodias de grilos nas águas, e um silêncio próprio da natureza.

# Beijo no altar - *música*

Amor está todo mundo olhando  
pra ver se a gente vai chorar  
enquanto isso estou tremendo  
mas não canto porque todos cantam  
não ligo para o que vão falar  
se esqueci uma frase  
conto quando a gente estiver em casa chegar  
sonhei tanto com este momento

um beijo em cima do altar  
os nossos lábios declarando coisas que só Deus pode escutar  
Você é para mim o amor do dia  
Que a gente decidiu casar  
Cada esforço fez valer a pena  
A minha noiva agora eu vou beijar

Nós dois, uma poesia linda que Deus escreveu  
Já não vejo mais ninguém é só você e eu  
Você está tão linda  
Estou emocionado!  
Estou sentindo Deus nesse altar abençoado

Nós dois, sem medo de errar, agente acertou  
Fizemos nossa parte Deus no ajudou  
Chegou nosso dia, nós estamos casados

---

Amor e harmonia  
Minha boca em teu sorriso,  
És meu porto, meu abrigo,  
Meu íntimo paraíso...  
Como é bom viver assim:  
Imersos em harmonia,  
Coração a coração,  
Amor pleno, dia a dia.

*Música:*  
*Anderson Ricardo Freire*

---

# *carro da noiva*

*Ó vinde ver o meu amor, única e escolhida para minha vida. Ó quão grande é a minha alegria. Ela está com a coroa que sua mãe a coroou no dia do seu nascimento, no dia da subleme alegria do seu coração.*

Na porta da igreja, uma luz rasgou as expectativas e deveras, os corações geraram de emoção e amor. Todos os convidados se sentiam especiais, e todos estavam vestidos a rigor como na mais classe moderna, marchando em direção ao altar-mor, com fato e gravata para os homens, e para as mulheres, um ambicioso vestido de noiva, abrilhantada com a mesma ambição. As mulheres de 70 anos de idade, sorriam como se fossem criancinhas em pleno jardim de emoções, ou, como jovens de 19 anos, orgulhosas com sua força de beleza, por isso, sentiam saudade de suas juventudes. Já as jovens mais atentas, se continham em suas emoções.

- Eu me lembro...

Ainda assim, as velhinhas, ao olharem para o jovem noivo, se sentiam beijadas e repletas de amor.

Todos queriam ver o momento do beijo e o brilho do anel a ser posto no dedo da noiva, por isso, com seus tensos olhares nos seus relógios, em seus pensamentos lutavam contra si, como apressando as horas do dia, para que o beijo já fosse dado. Com seus tensos olhares obrigavam a noite a se apressar ao encontro dessa curiosidade, já a vista. Mas a madrinha em contacto constante e codificado com a noiva, a motivava que se moldasse ditosamente nesse ímpar momento; em direção aos seus próprios passos iminentes; na paciência da vida, que agora está a começar.

- Esse é o seu dia. Dizia a madrinha com seu olhar reitor. - Nunca mais vai se repetir, pode até você meter um ou outro anel, caso esse se perca, mas esse dia ficará marcado deveras e unicamente nas páginas das saudades na eternidade, da sua vida; acredite, é hoje o começo das páginas mais reias da sua vida, nas páginas do amor eterno. Não se apresse!

A madrinha fixava seu olhar na noiva, dando-lhe conforto. - Esse é o seu dia, desenhe na pista do seu coração a marcha do seu amavel futuro. Para que ele, o seu noivo nunca se esqueça disso... minha filha, é isso um segredo que sempre trará seu marido a saudade e a responsabilidade desse compromisso. Vá em frente!

Enquanto os passos de todas as saudades eram gravados nas telas da história de muitos corações, o tio do noivo se lembrou que o carro da noiva ainda não estava decorado. Com passos de ninja, aproveitou o momento dessa emoção e saiu da igreja para ir resolver a situação do carro da noiva.

Assim que o tio do noivo acabava de sair, lá fora da igreja encontrou uma pequena reunião e ele foi chamado como o principal a ser ouvido.

- Não pode ser!?

- ... Oh. e voce, é como?!

- Eu a Avozinha, a prima da noiva.

- Ah sim, é verdade!

- Eu sou a tia. Se o carro da noiva não estiver decorado, a noiva aqui não vai sair.

- Oh! Mas quem manda aqui, não é o padre? Disse o tio do noivo.

Mas alguém se apressou e corrigiu o tio do noivo dizendo:

- Aqui nesta igreja não se existem padres, só pastor!

- Pastor?! Pronto, pastor então.

Mas a muher repetiu ao tio do noivo e disse:

- Sem o carro da noiva decorado, a noiva aqui não vai sair.

Ao ouvir isso, a gravata do tio do noivo se desamarrou.

...

Dentro da igreja, como o simples facto de aspirar o aroma de uma bela flor, afeta o equilibrio hormonal, o sistema nervoso, o aparelho respiratório e, até mesmo o estado de espírito; vestido de honra, Talito não acreditava em seus próprios olhos. Mas era tudo bem verdade, e por isso, tudo se aperfeçoava ao pé da verdade. O tempo se ajustou a esse encontro real e lhe ofereceu Manaya, mas a saudade continuava a lhe abraçar.

Manaya marchava em direcção ao seu verdadeiro futuro, ao motivo pelo qual ela nasceu, e, desafiava o olhar de Talito.

O silêncio tomou conta de todo o espaço.

Era hora da confirmação, em que duas famílias se reuniram para confirmar suas propostas e apostas vivas, claras e amorosas. Uma confiança em um futuro seguro e cimentado pela união que formou corações e amizades, como dois séculos no mesmo presente. Todos acreditavam, apostavam e esperavam. Mas Talito não deu tempo às suas dúvidas emocionais. Tão logo que em seus pensamentos surgiu uma pergunta, ele monologou e falou baixinho.

- Nas muitas saudades da minha infância, em te encontro numa sala de estar, no teu sorriso encontro muitas respostas. Éh, eu me encontro em ti.

Quando Manaya se aproximava do altar-mor. Toda congregação se levantou. Talito e Manaya em seus olhares fragmentados, ambicionavam-se mais, famintos de abraços em outra classe. Estavam repletos de perspectivas e ansiosos, de igual modo carregados ao mesmo tempo de verdadeiras promessas.

Agora, ambos marchavam, em direcção ao altar-mor, ao encontro do VERDADEIRO FUTURO.

- ...Juras?

- ...juro!

- ...juras?

- ...Juro!

No momento mais esperado, o noivo sorriu enquanto olhava para o anel da noiva ainda em suas mãos. Por um motivo de confirmação emocional da natureza, um vento soprou de fora para dentro da igreja, como a chegada do espírito santo, (a verdadeira benção do lar, princípio, meio e fim). As cortinas da igreja se abanaram e o brilho do sol espreitou entre as cortinas, dando um brilho ao anel. Uma velhinha se lembrou de sua juventude, e uma lágrima rolou no seu rosto. Apressou-se e a limpou seu o seu pano. Com rápido olhar procurou saber se alguém a tivesse visto, mas não.

Todos estavam em plena emoção. Alguns inclinavam suas cabeças, confundindo esse momento com o beijo do selo. OH, NESSE MOMENTO, CADA UM ESCREVEU EM SUA MEMÓRIA, UMA VERDADEIRA SAUDADE, ainda até hoje.

...

Já fora da igreja, mergulhados em sessões fotográficas e novos abraços profundos. As famílias, amigos e convidaddos se reconheciam na mesma emoção e falavam a língua universal, o sorriso. Alguns pensavam já no salão, enquanto outros olhavam para as montanhas pintadas de natal verde e, sem saber, pintavam em suas memórias saudades eternas nesse tempo.

De repente um carro de marca Toyota Hilux, branco e embelesado para casamento, pisou no tapete vermelho da marcha e parou na frente da igreja. Todos ficaram de boca e outros se apressaram em comentar que não era um estilo de carro próprio para noiva.

O noivo e a noiva exclaram em voz alta:

- Não pode ser?!

- Não pode ser?!

Todos se viram para os noivos para encontrar tristeza, mas os virão sorrindo de todas as formas.

O noivo e a noiva se olharam e se amaram, mais uma vez. Talito e Manaya, cada um deles pensou que o outro tivesse feito uma surpresa, mas ambos preferiram se calar, até que a noite abraçou a terra e enfim, a noite passou mas essa verdadeira festa de amor que começou nesse dia não terminou, ATÉ HOJE.

Agora casados, as cortinas do primeiro dia se abriu; assim mesmo, como lenções macios em épocas de natal. Sempre com vírgulas... era e ainda é muita coisa emocionante que até agora ainda não há adjectivos suficientes para se descrever, pronto, sem título, por enquanto...

O sol, espreitava, como um convidado atrasado.

Tudo estava macio. O olhar, o toque, o sorriso e os desejos. Num toque de saudade recente, Talito e Manaya ainda viviam esse momento de glória em suas imaginações e realidade. As lembranças ocupavam seus pensamentos e ainda, com os olhos fechados imaginavam-se na igreja.

- ...Juras?

- ...juro!

- ...juras?

- ...Juro!

# No dia seguinte

Em profundas saudades do presente, Manaya não queria abrir os olhos para o dia terminado, ainda queria se sentir em profunda realidade do dia anterior. Era uma noite desejada e um dia apressado. Todo seu organismo lhe despertava para acordar, mas seu doce desejo ainda abraçava o calor da noite e a madrugada juntas. Enquanto isso, Talito sorria por qualquer coisa, quem sabe pelo que sonho ou, talvez pelo seu presente futuro, sei lá, mas olhava para Manaya, e em seus pensamentos dizia:

- Meu verdadeiro presente de Deus.

Então rompeu esse silêncio e disse:

- Acabo de descobrir um grande exemplo de cortesia no seu sorriso.

- ...uh... aí... Já amanheceu?!...

- Vá, me saude com o seu toque positivo.

- Ah é claro, desde que me devolva o beijo que te emprestei ontem.

- Eu sempre devolvo tudo, e sempre a dobrar.

Manaya olhou para Talito e disse:

- Ei, eu conhece você?

- Eu?! Não, debes estar a sonhar.

Mas Manaya insistiu e dizendo:

- Uh, você é a história da minha vida. Estou aqui pronta para tudo, qualquer coisa e todo tipo de saudade. Estou aqui para caminhar com você como seu próprio olhar. Eu sou a sua verdade. Você é a minha respiração.

Indicando para Manaya, Talito disse:

- Ei, eu conheço essa mulher!?! Ah, sim, foi você que me mostrou um novo ponto de vista de mim mesmo. Ah, agora estou a me lembrar.

- Claro. Porque eu nasci para você.

- Espere aí, você está a me conquistar?

- É claro que sim... meu marido, a sua vida é o sinônimo de toda minha gratidão a Deus.

- Nas muitas saudades da minha infância, em te encontro uma sala de estar mais luxuosa do universo. No teu sorriso encontro muitas respostas. Éh, eu me encontro em ti, minha linda.

- Então eu prometo, que algum dia te darei um abraço. E, um beijo também.

- Uh, oh mulher, espere aí, você está a me conquistar?

- Talvez, diante de um não, só me resta dizer sim. Você compartilhou a sua felicidade comigo, você mudou o significado do meu nome e meu estado social também.

- É mesmo?!

- Sim. Se ontem, quando as pessoas me viam perguntassem;

- Essa moça é filha de quem? Agora vão perguntar:

- Essa é mulher de quem?

Talito e Manaya, cada um se sentia como se fosse o dia de seu próprio nascimento.

Cada um deles se sentia como responsável e guardador da vida do outro. Manaya bebeu todo comprimido e, sabia que para além das suas promessas, para além de cozinhar ou, em ser uma bela dama, mas que o segredo de um bom casamento; não está em apenas cuidar da casa, mas em definir-se diariamente como uma boa companheira e conselheira temente, de forma que o homem que é o seu marido encontre conforto em casa.

Com sorriso e amor olhou para Talito e disse:

- Você é o meu marido, meu pai, mas a partir de hoje e de agora, eu vou lhe cuidar como se estivesse a cuidar da minha própria vida, do meu único filho ou filho único, porque em ti eu me revejo.

- Também vais me cuidar como filhinho?

- Sim meu amor. Respondeu Manaya. – Mas te respeitar como um rei. Porque és o meu rei.

Talito respondeu prontamente dizendo:

- Ainda bem, mama tenho fome.

Ambos se riram.

- Fome?! Fome de que? Questionou Manaya.

- Opa! Mas é verdade, fome de que?

- Bem ainda me dá só um abraço, quem sabe você vai me ajudar a lembrar.

De repente ouviram alguém a bater na porta e gritando:

- Com licença nessa casa.

- Quem deve ser a essa hora? Ambos se questionaram.

Enquanto Talito e Manaya se interrogavam, a pessoa que batia na porta, lá fora, sem paciência insistia.

- Com licença nessa casa. Acordem, eu já estou com ciúmes.

- Ah pronto, essa é a Avozinha.

Manaya se apressou em abrir a porta e viu Avozinha e outras primas, em plena emoção e todas elas gritaram de uma só vez, como numa voz de coral:

- Ahaaaaaaa, MAS QUE ROMÂNTICO!

Elas entraram e se motivavam com as animações carregadas do dia anterior. A casa se enxeu de alegria e amor. E olhando para Manaya diziam:

- Ei senhorita, você tem passar acordar mais cedo, certo?

- Sim! Respondia Manaya.

- Fazer o pequeno-almoço do maridão.

- Sim!

Com emoção e gratidão, Talito louvava a Deus por ter criado o casamento e por lhe ter escolhido para participar da sua bela e nobre criação. Pensando em tudo de bom que existe, dizia em seus pensamentos.

- Uh, Deus criou o casamento e todas as coisas, e convidou o homem para perticipar da sua criação, uh?! Bendito seja o Criador!



# Vamos brincar?

*Ela exala o bom perfume em todas as madrugadas e à nossa porta o cheiro de arroz com feijão, a todos sauda. Como frutas na árvore cuidadas pelo próprio rei. Secas.*

Ah, quem dera...

Dias, meses e anos se passavam, Talito e Manaya cresciam em grandes bençãos, amizades em amor. Para muitos, eles eram como um bom exemplo de igualdade de amor, iguais em muitas outras coisas. Em passeios familiares, em amigos, a presença de um, se cobrava a presença do outro. Seguiam-se em passos iguais, como duas criancinhas gêmeas no colo de uma mãe.

De tanta vivacidade, amor e hospitalidade no colo da saudade diária, no rosto de Manaya, Talito encontrava sempre uma sala de estar para todas as suas amizades. Por isso, sua mulher também se tornou sua verdadeira amiga. Ambos se abraçavam com amor. Para além de serem marido e mulher, eram com muito respeito, amigos fiéis. Partilhavam seus problemas emocionais, pensamentos, emoções e tristezas, eram iguais aos desejos da saudade.

Não dormiam sem conversar ou, não acordavam sem conversar e se recolher no tempo e nas experiências para se acertarem, se amarem e se recolherem de novo para se amarem como os desejos de suas amas. Às manhãs, antes de acordarem, era sim, o momento para se acertarem nas modernas realidades e resolverem todos os seus problemas.

Talito era muito calmo e homem de poucas palavras, mas Manaya era para Talito, como a sua voz de vida, consolo e terapia necessária.

Muitas vezes, ainda na cama, enquanto Manaya dormia, Talito sorria agradecendo pela benção de vida que Manaya era para sua vida; e olhando para ela, agradecia a Deus pelo consolo amigável que sua esposa é para ele; uma grande benção. Em silêncio, em seus próprios pensamentos, saudava as suas próprias saudades e com muito prazer, todos

os dias se lembrava do dia do seu casamento, e sorria, desenhando as pistas deixadas naquele dia e agradecia com elevada simpatia mas seu rosto e lábios conversavam em silêncio.

Nessa hora, Talito olhava para Manaya deitada na cama, e se perguntava:

- O amor é como uma religião, mas que profunda e eterna!

Talito gostava de ouvir Manaya. Por isso, todas as manhãs lhe perguntava:

- Sonhaste o que hoje?

Manaya se ajustava no passado, presente e futuro de Talito e ao lhe estudar como um atilher universitário preferido, agrada-o com palavras certamente desejadas. Por isso e muito mais, agia com sabedoria, construindo seu casamento. Com o sorriso, eram como um consolo, na hora de muitas aflições. Assim mesmo, as manhãs, Manaya sorria, e antes de se jogar no colo de seu amado, pegava nas bochechas dele como num bebezinho e só depois respondia se sonhara o que?

Ela sempre contava o que sonhara. As vezes inventava sonhos ou histórias para não ficar calada. Era uma criadorra de sonhos, tudo para alegrar o seu marido e ambos viviam os mesmos sonhos e as saudosas realidades.

Depois de muitos sonhos, Talito e Manaya se tornaram como gêmeos, mais amigos do que marido e mulher. Talito encontrava no rosto de Manaya uma sala de estar e nesse conforto a elegância do seu viver, muitas saudades. Manaya olhava para Talito e todos os dias se apaixonava e o seu melhor hobbis era amar Talito.

Depois um abraço profunfo, ainda na cama, Manaya se levantou com pressa, e depois de alguns minutos, ficou na porta do quarto e chamou Talito:

- Vem.

Talito ficou como inerte em seus pensamentos.

Mas Manaya perguntou:

- Por que tanta dúvida?

Talito olhou para Manaya e também perguntou:

- Manaya, você me ama?

Manaya não entendeu bem por que Talito fizera tal pergunta, pois ela sabia que Talito sabia que ela a amava muito. Manaya pensou que Talito estivesse a pensar em algo triste, ignorou as tristezas imagináveis de Talito e lhe animou com outro sorriso e palavras doces, e disse:

- Meu marido, você é minha vida. Eu te amo. Sabe, todo ser humano precisa de acreditar em alguma coisa. Precisa de ter planos, pensar no amanhã, no futuro. Amor acredite, eu deixei tudo para ficar no lugar do meu futuro, TALITO VOCÊ É O MEU FUTURO e eu acredito no meu futuro.

Indicando para ele, Manaya disse:

- Você.

Ao ouvir isso, Talito ficou inerte no canto da cama. Ela não sabia porque que Talito fizera tal pergunta, mas parece que sentia algo como um medo de perder sua amada.

- Minha Manaya, minha amada, mana Manaya eu amo você. Sempre pensei em me casar, e a mim mesmo prometi ser feliz e fazer feliz a pessoa com quem eu me casasse, voce é minha resposta de toda a minha infância.

- Está bem, está bem. Agora vem aqui.

Apressada como uma criança querendo mostrar seus brinquedinhos, Manaya saiu da porta do quarto e pegou nas mãos de Talito e lhe puchou para a sala, mas o rosto de Manaya estava molhado de lágrimas e de emoção.

- Vem comer alguma coizinha, não podes te atrazar no serviço.

- Acredite, se eu soubesse que casamento é assim, eu devia me casar a muito tempo.

Manaya se riu sem se controlar, e disse:

- Eu olho para você e me encontro no futuro ao seu lado, eu já bem velhinha, por esse compromisso. Ai Talito, eu devo te cuidar ainda mais. Eu juro que te amo e sempre vou te amar.

- Uh, vai ser um show, minha velhinha. O amor que sinto por você, é para todas as idades. Mas uma coisa eu te peço, por favor, não morra antes de mim, eu não vou suportar isso.

Manaya ainda estava pensando que Talito não estava muito bem, mas também avaliou que não era o momento para questiona-lo. Por isso, ao ouvir isso, quebrou essa negatividade e desfalçou-se dizendo:

- Uh, Talito o seu sorriso diz que você quer um beijo.

- Sabe, eu...

Manaya não sabia o que Talito iria dizer, mas rapidamente pensou em interrompe-lo, pois, sabia que por trás dessa negativamente dele estava uma tristeza. E ela mais uma vez disse:

- Meu amor, se eu não te conhecesse, eu iria me arrepender. Ou melhor, eu iria te inventar só para mim.

- Sabe, você é minha escola, meu presente e futuro. Olhando para ti, eu sinto saudade de mim mesmo, me vejo enquanto criança, assim mesmo, como se fosse hoje, no berço da idade.

- No colo da mamã?

- No colo da mamã.

Manaya sorriu mas no mesmo instante se levantou, sem falar nada. Saiu e voltou com uma banteja com pães, mas não suportou o silêncio interior e derramou lágrimas sem se controlar. Em seus pensamentos se pergunta: - O que se passa com o meu marido? Estamos casados a quatro anos, nunca lhe vi assim...

Ambos se estudavam de forma comumente, na amizade e em compreensão.

O rosto de Manaya estava molhado de lágrimas e amor. Sem palavras, pegou numa bacia pequena e mostrou para Talito lavar as mãos. Talito levantou da cadeira e com as mãos cheias de água, olhou para Manaya, e ela percebeu que dentro de casa iria chover. Sem palavras começou a suplicar com gestos:

- Não, não, não, por favor, meu amor.

Manaya se levantou e como passos de menina aprendendo a caminhar, começou a fugir de Talito mas Talito não lhe seguia e atirava água sobre ela.

Não resistiu, o corpo de manaya se cedeu e antes que fosse totalmente molhada com água, ficou molhada de desejos.

Talito sorria e dizia, - "faz parte do plano".

Talito começou a lhe jogar água. Depois desse facto a natureza testemunhou um abraço e um beijo com entrega profunda. Abraçaram-se em plena entrega, e cada um deles, sem soltar a voz, no fundo do coração falaram para si mesmo:

- Por favor, cuide de mim, Talito.

- Por favor, cuide de mim, Manaya.

E depois? Bem, de resto, É SEGREDO. Toque ainda um chá...

# Phá de boldo

*Que desça sobre mim teu olhar, pois, me pinta de desejos...*

Um verdadedeiro amor só vale se esse começa por algum conhecimento da pessoa amada, fundado sobre uma elevada estima, adiantada pela boa amizade, acompanhada de confiança, onde ambos se procuram no aperfeiçoamento e na felicidade diária, cujo, antes do casamento os dois corpos, se unem num amor que nasce na alma." Onde se casam no corpo e na alma, assim é tão real e esse amor é definitivamente sem idade. É eterno.

Talito e Manaya se viam na infância, mas o tempo certo lhes uniu na juventude e, crendo na graça de Deus, eles se viam na velhice, abraçados em todos os tempos como numa só idade. Como um pensamnto próximo de si mesmo, Talito vivia o fruto de muitas saudades.

Duas famílias apostaram todas as suas cartas nesse casal. Eram como um cofre em plena responsabilidade comum. Todos se reviam neles. - Ah, mas que romantico!

Mas para Talito, Manaya era muito mais que qualquer definição verbal, como uma carta, um anjo do divino amor para salvar a sua honra.

- Uh! Homem feliz que sou.

- Mulher feliz que sou.

- Sério! Ainda me empresta um beijinho.

- Acredite, eu casei com seu corpo mas também com sua alma. Eis-me aqui... toda sua.

- Minha senhora e minha menina, eu te amo mais do que você imagina.

- Ewe...

Uh... agora sim.

- Agora sim o que?

- Acabo de descobrir um grande exemplo de arquitetura.

Manaya não endenteu a dica de Talito, e olhando à volta de casa, perguntou:

- O quê, onde está?

Talito se mantia em silêncio. E ela não encontrando nada, disse:

- Uh deve ser o chá de hortelã que acabaste de tomar.
- Quem sabe, mas eu te digo que, você é o meu chá preferido.
- Ai ué minha vida! Me toma...

Manaya começou a se rir sem medida e se entregou em sua própria emoção.

- Você sabia que, se alguém estiver precisando ficar alerta e com a memória afiada, beber chá de hortelã desperta o humor, a cognição e ajuda a melhorar a memória de longo prazo? Esse chá também melhora o processo digestivo e a sensação de enjoo, além de uma ação analgésica.

- Sério?!
- Ah Talito...
- Nem imaginas... você... Arquitetada pelo próprio criador.
- Como assim. De que arquitetura estás a falar?
- De você. Essa arquitetura rara que me refiro, é você, minha linda mulher.

...

De manhã, de tarde ou de noite, Talito conquistava Manaya todos os dias, não parava de lhe encontrar, mesmo em qualquer coisa, a qualquer hora do dia.

Talito se levantou com pressa e disse:

- Bem, agora eu vou trabalhar.

Assim que Manaya também se levantou, Talito percebeu que Manaya estava com os sapatos nos pés, perguntou:

- Minha linda, você vai sair?
- Não querido, por que?
- Então estarias descalça, e não com sapatos fechados.
- Sim querido, mas está frio.

- Minha querida, minha filha, o mau estado dos nossos pés, aumentam a luta dos nossos pesadelos.

- Uh... como assim?
- Muitas dores e outros problemas de saúde que temos tido, parte da escolha do calçado que usamos.

- Sério?! Mas eu não vou andar muito, apenas estarei aqui em casa.

- Pior! Minha linda, mesmo em casa, os pés de uma dona de casa percorrem em média 20 quilômetros por dia. Sim, por aí uns 27.000 passos, mesmo estando em casa. E se na verdade a minha mulher não vai andar muito, então eu lhe aconselho a pensar duas vezes antes de usar esse par de sapatos aqui em casa, nesse dia longo.

- Sério que é mais cançativo?

- Sim minha baixinha linda, é mais cançativo ficar calçada e sentada do que caminhar alguns quilômetros fora. Quando você fica em pé parada, todo peso do seu corpo fica depositado nas pernas e na coluna. Mas quando você está em movimento, o peso do corpo fica distribuído alternativamente em cada um dos dois pés, e em todo corpo e quase que não se sente o tal peso. Agora, ficar em pé, parada ou em poucos movimentos, o peso do corpo firma-se em três pontos, o calcanhar que suporta 60% do peso: a zona do dedo maior que suporta 30%, e a parte do dedo mínimo que suporta 10% por cento. Em fim, assim você quebra o corpo todo.

Depois de Talito falar isso tudo, ambos ficaram em plena emoção e seus rostos se rasgaram de alegria.

- Está bem meu amado doutor.

- Mana Manaya, minha linda, o dia se torna mais lindo quando a cada amanhecer os raios do sol brilham sobre seu rosto.

- Muito obrigada.

- Agora vou trabalhar.

- Vá trabalhar meu amado.

Antes mesmo que Talito soubesse, Manaya disse:

- Sabe, Deus deu amor ao homem; a todos nós para que nos servissem como asas que nos dão forças para voar até ao céu e de igual modo nos ligarmos uns aos outros e com Ele.

...

Os pais de Talito sabiam que o coração de Manaya não estava vazio, isso lhes confortava muito. Por isso, sustentavam esse casamento de todas as formas, com variadas instruções de vida, e conselhos como se tratasse de uma preparação para o mesmo casamento. Talito sempre gostava de se lembrar do seu tio, e com orgulho dizia em seus pensamentos, como se fosse seu tio lhe dizendo: - Talito, o eterno disse ao amor, que tudo se organize; e tudo se organizou.

- Sabe, aí de quem se casou sem antes amar, senão os corpos, as aparências ou as formas vizíveis.

...

Talito trabalhava animado, sua alegria era sustentada em casa e lá também abastecia sua forças. Quando por um motivo as nuvens de sua boa disposição ficassem escuras. Ele trabalhava com a força do amor de sua amada, que dava vida à toda sua disposição. Manaya era uma mulher sábia e muito dedicada. Trabalhava com afinco e visão. Planificava para a sua família planos seguros e, se dedicava com tudo que pudesse para fazer de sua família uma fortaleza de puro carácter, uma oficina de trabalho, um cofre de honra, um ninho de amor, uma escola contra renúncias degativas, um oásis de abraços, sorrizos de boas-vindas, um refúgio seguro; como se de um templo se tratasse. Com o poder atrativo desse amor, muitos se reviam neles, e mesmo em local de tratalho, Talito e seus colegas formaram um clube de vida e esperiências de vida de casados, e muitas soluções eram encontradas. Eram como colegas em uma escola de casados.

Talito trabalhava com saudade de casa. Ora sentia saudade da despedida, ora das saudades de suas saudades, além do mimo do valor que lhe era dado como marido.

Havia conforto na esperiência do seu casamento, e, a cada término laboral, Talito de volta à casa, era recebido com honra, como se de um rei se tratasse. Algumas vezes Talito encontrava Manaya a fazer um certo trabalho, mas ela se apressava a receber seu marido e deixa de fazer tudo, só para receber o seu marido. Nem que fosse para lhe contar uma história que normalmente criava na hora, ela semeava ânimo para dar força as fadigas do dia, como um disponível chá de hortela ou de boldo.

Manaya sabia com instrução e esperiência de amor e por amor puro, que para Talito; a questão não está apenas em Talito ir e voltar para casa, trabalhar e ganhar dinheiro para manter a casa; ou, que ela como mulher lhe enxa de carinhos; ou, que se leve uma vida irrempreensível e honesta. Mas sim, que é sempre prudente e nessessário que ele se sinta bem no ambiente que ela mesma deve criar para receber seu marido.

Todas as noites, Manaya se escondia nos braços de Talito para poder dormir. Não era necessário pedir, muitas vezes, a intenção da necessidade de Manaya era antecipada em silêncio. Nessa noite, Manaya desenhava palavras, enquanto se guardava no colo de Talito, e dizia:

- Meu querido Talito obridada por existires para mim. Em ti me defino e, encontro o segredo da minha existência própria existência.

Como uma mãe canta ou conta uma historinha para seu filhinho dormir, as palavras de Manaya penetravam no mais profundo da alma de Talito mas, o sono ciumento se apressava a encerrar a atenção desse dia, e Talito caia em profundo sono.

Se no mundo físico o amor é o polo da criação, no mundo moral é a alma da alegria.



# Uma pergunta

*O meu amado, com a sua mão tocou a minha cintura, estremeci por causa disso...  
Já tirei as minhas roupas. Terei de vesti-las novamente?*

Óh, sinto esse desejo, é forte, mais do que um apetite de arroz e feijão?!

Manaya sentia seu corpo ceder...

Chovia serenamente, mas pelas chapas de casa, como um coral gigante na introdução de um cansão final. Talito e Manaya estavam mergulhados em seus próprios abraços. Saudando sua própria juventude, ambos se amavam mais a cada dia, mas nessa hora o silêncio era como uma voz que atraía para este momento muita atenção. Mas Manaya desafiou o silêncio e perguntou:

- Querido, por que não me chamas; mor, querida ou minha bebe? Só me chamas pelo meu próprio nome?

Prontamente Talito respondeu:

- Porque o teu nome é o perfume que embeleza a minha alma.

Ao ouvir isso, como ramalhete de dejesos, Manaya sentiu seus pelos se arrepiarem de dejesos.

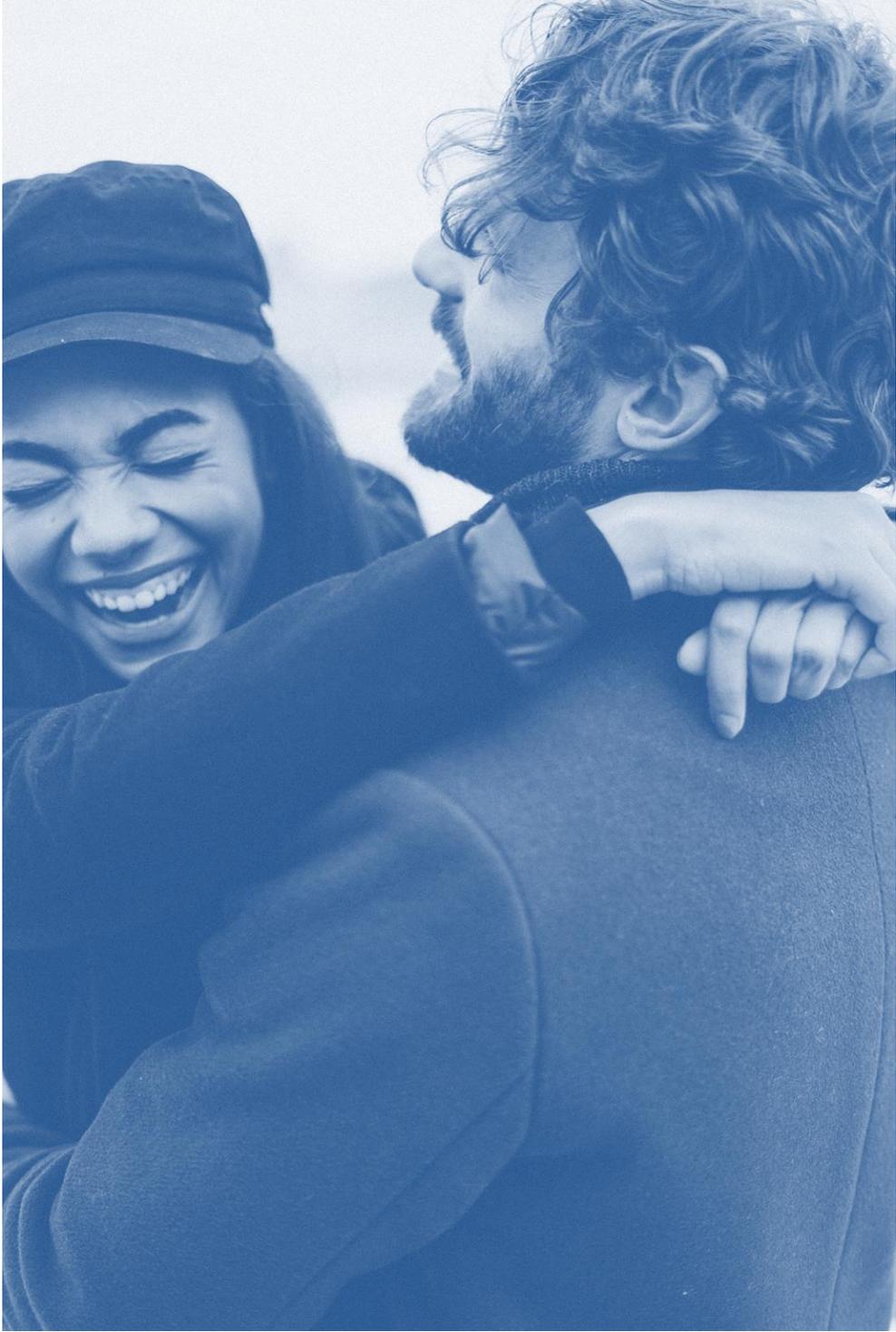
Ai ué!

Muitos desejos. E, com toda sua alma, sorriu e se entregou, para qualquer coisa...

Ainda em silêncio, ambos se levaram de seus aposentos, destidos de desejos, não se resistiram.

Manaya sorria... ora com os olhos fechados, desenhando-se em seus prazeres, ora com um sorriso... sorriso...

*Que quizeres saber por que ela sorria, PRONTO, pergunte a ela!*



# Um pedido

Talito era nobre e especialista em ouvir sua amada esposa. Era técnico do abraço e dotado em doce amor, sempre se aproximava a ela com um toque. Tinha sempre uma frase que a deixava sem jeito... talvez, como um convite para qualquer coisa. Ele fazia de tudo para se casar com Manaya todos os dias, e assim a conquistava todos os dias.

Pelo abraço e consolo de ambos, as famílias se vissem um deles andando sozinho, lhes cobravam a outra presença. – Onde está o Talito, ou, onde está a Manaya?

Tornaram-se gêmeos autorizados... *Ai, mas que romantico!*

Era cedo, e ainda na cama, Talito pensava em tudo em volta da sua vida e, agradecendo por tudo e pela sua própria existência, percebeu que Manaya acabava de se despertar do sono. Depois, se abraçavam com saudade de amor em todas idades. Manaya sempre tinha umas histórias para começar o dia. Normalmente Talito perguntava:

- Sonhaste o que? E Manaya respondia:

- Não se preocupe meu amor, vou te contar...

Nem sempre ela sonhava, mas contava sempre umas histórias criadas por ela na mesma hora só para animar o seu marido.

Nessa manhã, depois que Manaya terminou de contar a história, Talito em profundos pensamentos, abriu seu fututo com palavras e disse:

- Você não sabe como eu te amo.

- Eu sei.

- Atente seus ouvidos a isto e escute, disse Talito:

- Eu amo tanto você. Escuta, você está proibida de morrer antes de mim. Eu não vou suportar isso, não vou aguentar.

- Ah não, meu amor, não se esqueça que temos um encontro marcado na velhice uéééé. Você é o meu futuro, a velhice é o nosso jardim. Estou a te esperar na outra página da idade.

Manaya sempre que falasse com amor, sorria e tocava no rosto de Talito com as mãos e para Talito, isso era um show.



# *O dia que* **Romeu e**

# **Julietta** *Sentiram ciúmes*

Para Talito e Manaya, cada tempo atmosférico tinha sua própria saudade. Para cada tarde, sua recepção e seu calor. Talito já estava preparado para uma viagem de poucos dias. Nessa saudade antecipada, o sol brilhava de alguma forma e dois corações eram como bebês sorrindo, como vendo uma luz esperada, unicamente.

Talito e Manaya transformaram sua sala de estar em um local de cinema. Visitavam outras terras e outros planetas. Se emocionavam e patilhavam suas emoções como numa escola de Kingsman, e repetiam:

- A conduta, define o homem.

Manaya ainda fazia um curso, e Talito amante de leitura, fazia das aulas de Manaya a sua matéria preferida de leitura, e ambos revisavam para as provas de escola, que só Manaya fazia.

Nesse dia, a tarde estava vestida de brilho húmido e de longe a chuva se avizinha, mas o próprio sol estava calado em seu fulgor. Na sala de cinema, na casa do casal, Talito percebeu que Manaya mexia os pés muitas vezes e, reparou que estava calçada e que seus pés reclamavam de dor. Enquanto isso, o filme que eles assistiam estava a fechar a tela da TV com letras.

- Oh, o filme terminou.

Mas Talito desviou sua atenção nos pés de Manaya. Deixou de olhar na TV mas Manaya continuou a ler na TV a dedicação do filme que estava escrito assim:

*"Em homenagem a minha mãe... que sempre me ensinou e colocou um extra no comum..."*

Distraída na conduta do filme Kingsman, acabou de ler a dedicatória, e ainda animada a falar, pensando que Talito lhe ouvia ou que ele estivesse a ler também, ela disse:

- A conduta, define o homem.

De repente, Manaya percebeu que Talito se baixava para descalçar os sapatos de Manaya. Quase que se assustou. Mas despertou toda sua atenção para Talito, mas, não se conteu. Com emoção, começou a lacrimejar.

Em seus pensamentos, queria que Talito se apressasse mais um pouco. Mas com toda calma do mundo, ele descalçava os sapatos dos pés de Manaya. A prudência de Talito era como uma prova viva de seu amor paciente, desde ontem, firme hoje e para todo sempre.

Quando Talito dentava pegar no segundo do pé, com a cabeça abaixada, Manaya não se controlou e a lágrima que saía do seu rosto, se deslisou e caiu no lado direito do rosto de Talito, como se fosse ele chorando.

«Como se fosse num filme, noutro lado das telas de TV, o público bateu palmas.» Talito percebendo que Manaya estava com o rosto pintado de lágrimas. Tentou se apressar para limpar-las do rosto de Manaya, mas antes que as mesmas caíssem, ele descobriu no rosto de Manaya uma lagoa de amor a beira dessa saudade viva. Exatamente uma saudade nesta hora, em pleno toque. Ela também não as limpou, e, no rosto do cavalheiro de Manaya, uma lágrima se atreveu a dar seu show, e essa lágrima que caiu do rosto de Talito, se parecia com as ruas a vista de toda natureza, em plena tarde de amor sem descrição. Agora sim, se tornou, sem título. Que título? Como a fama de um rei apaixonado? Pronto, Talito segurou na mão esquerda de Manaya e disse:

- E então, vamos ficar aqui a tarde toda ou vamos nos beijar?... ou, qualquer coisa, talvez?...

- Qualquer coisa?!

Manaya se entregou aos pensamentos iniciais de Talito, mas foi desviada para fora de suas intenções.

Talito guiou os passos de Manaya para fora de casa. Eles fizeram amizade com a natureza e tudo estava a seu favor.

~~- Manaya, você é minha tudo, minha~~ esposa. Éh, para além de esposa, minha doce namorada e amiga.

- Qua tal, vai um chá de boldo, ou chá de hortela? Não te esqueças que depois de um dia longo, o chá de boldo é excelente para ajudar no funcionamento do fígado. Sendo útil depois de um dia de exageros, ou consumo de muitos alimentos gordurosos, pois ele contém uma substância chamada lactona que auxilia na digestão das gorduras ingeridas.

- Agora eu também digo:

- Você é meu tudo.

Manaya não conseguia falar, mas olhava para Talito com muitos desejos a flor na pele, em plena entraga. Queria se aproximar ainda mais, e sentir de perto o doce abraço de Talito que sempre é diferente e mais doce, como um toque, um toque difícil de resistir. A natureza se apressou a participar desse show e uma cerimônia se registrou nessa hora, igual àquele dia na época de seu casamento. As saudades com reias abraços se faziam sentir, e em profundos pensamentos, Manaya se perguntava:

- Mas por que estamos aqui fora?

Talito não falava nada, mas desenhava nos dedos da sua princesa, os toques de seu amor presente e a confiança de todas idades, na plena saudade de muitos amores. As suas vozes estavam guardadas no silêncio de mil pensamentos. Nesta tarde, que é agora, os dois se emocionaram com sereno sorriso. *Uh!*, o sol teve que conter sua emoção. Manaya e Talito vestidos de amor, tomavam sol da tarde e a pele de seus corpos ganhava beleza e sabiam que para além de ser útil tomar banho de sol, ao cair da tarde ou pelas manhãs, eles também sabiam que tomar banho de sol, também para a tuberculose não existia outro desifentante do que essa mesma luz solar.

Aos poucos a tarde caía sobre eles, mas eles se mantinha em pleno silêncio como se de um primeiro encontro se tratasse. Como na imaginação das canções melódicas das palmas das ondas do mar, Manaya já não aguentava mais a distância de seus pensamentos e, queria romper o silêncio que existia entre eles. Por isso, falou:

- Por que você me olha assim?

Talito sorriu, e degavar disse:

- Eu te esperei nos meus sonhos, esperei até amanhecer. Estou a te olhar assim por uma questão de prevenção e segurança.

- Uhm, eu estava bem por baixo das suas pálpebras.

Manaya queria pensar mais em alguma coisa, mas já não foi a tempo, pois, antes de em si mesma ter concluído os seus pensamentos, ela se sentiu a ser beijada...

Manaya se acreditou, e se entregou nos braços de Talito, como uma criança brincando de esconde-esconde no colo de sua mãe. De alguma forma, se soltou e correu para dentro de casa, como um convite intencional, e disse:

- Eu vou fugir, mas imagino que você vai me pegar.

Talito piscou seu olho para o sol, como que pedindo para se apressar. O sol se emocionou tanto que por fim, fechou seus olhos para ver tudo, despejou sobre toda cidade a capa da noite como o fim de uma história secreta ou um romance íntimo.

Ao despejar da noite, Talito sorriu desejando pouca luz, e disse:

- Uau! Assim mesmo, quando tudo se parece escuro, o seu toque me trás de volta uma nova luz.

A noite ainda era miúda, mas eles se tocaram com todos os toques... assim mesmo... pronto! *como você (leitor) quiser pensar.*

Ainda, uma vírgula.

# Saudade miúda

*Sua boca é pura doçura; sim, totalmente desejável.*

Talito tinha um jeito doce de beijar sua mulher, mesmo quando ela já a desejasse. Ele tinha sempre um aperitivo de mel. Tudo, enfim, se tornava numa carta de saudade para Manaya. Ele estava de viagem.

Em vários encontros, em sua própria saudade, Talito encontrava várias e incríveis artes de vida, na sua própria vida, vividas a dois, outras desenhadas pela ambição que tinha por tela em sua vida, e ainda mais. Eram como retratos nunca antes vistos, nem mesmo na china. *Isso é sério!*

Todos os minutos de sua vida, eram hávidos, como no início de tudo; *e viu Deus que era muito bom*. Decerto que ele é um homem presente, mas tinha muito de incomum, pois, como se sabe; os grandes artistas se apaixonam e se focam em várias estrelas e criam em seus quadros, vários retrados, mas enquanto isso, os olhos incríveis de Talito agradeciam e elogiavam a beleza do universo, mas seu coração somente se ocupava com sua rara beleza. Desfrutava do seu tão achado e desejado futuro e presente, que achou nos abraços de Manaya.

Manaya abria e fechava os olhos várias vezes, insistindo em permanecer na cama, desejando ainda mais a saudade que sentia por seu marido. Pensava em sentar na cama e pensar em viva saudade, mas por fim, preferiu somente voltar seu olhar na janela. Ainda era noite, só um pouquinho. Lá fora, as árvores balançavam com a emoção do vento que soprava devagar. As folhas secas se soltavam e batiam no vidro antes de cair no jardim, mas caíam em terra molhada. De dentro, ela via as folhas baterem no vidro e caírem devagar. Tentava calcular seu impacto no chão, mas não as sentia, em vez disso, seu coração batia forte com o bater da saudade.

Piscava os olhos muitas vezes e acordava de noite, mas para que? De repente o seu telefone tocou e ela viu que tinha uma mensagem. Mas ainda assim, sem título. Quase que a ignorou, pois a mensagem não tinha nenhum título, e antes de ler, vacilou,

conquistou todas as suas saudades de Talito para si, e se agradou disso. Pensou e falou para si mesma.

- Estou com saudade meu amor.

Tentou abrir a mensagem para ler, mas não foi a tempo e outra mensagem entrou. E ela leu. Apressou-se a olhar para a janela, no mesmo instante, as cortinas estavam se abanarando e ficaram semi-abertas. Ela olhou para janela mas nada viu, senão o silêncio melódico do amanhacer e a calma reitora de uma árvore de mangueira e de pêssego, lá fora, calmamente comovidas por alguma coisa. Voltou a olhar para o telefone e continuou a ler a mensagem que estava escrita:

- Você está além de qualquer definição ou romance escrito, se escrevo, talvez sem título, é porque aos seus olhos as minhas palavras ficariam verborréticas. Diria, até envergonhadas.

Manaya sorriu e respondeu a mensagem. Depois recebeu outra mensagem e leu.

- acredite, por ti eu viajaria a pé do Chitembo até aqui ao seu lado, só para te contar um segredo no teu ouvido.

Manaya se descontrolou e sorriu apaixonadamente num tom alto. Mas avaliou a msg e pensou: - Viajaria até aqui?! Esse aqui é só se ele estivesse aqui. Talvez diria, viajaria até ali... Mas para ganhar mais uma frase, ela também respondeu com outra mensagem e escreveu:

- Você é um príncipe muito cobiçado e com uma reputação a zelar; e encantado que és, não debes andar sem uma escolta de amor presente, e, é claro essa sou eu.

Antes de enviar essa mensagem, sentiu o frio gelado sobre seus ouvidos e se guardou nos cobertores. Um sopro miudo começou a agitar as árvores lá fora. Manaya olhou desejosa a partir da janela e se sentiu como conselheira da natureza, mas um desejo de íntima saudade lhe cobrou os anseios, por isso se embrulhou nos cobertores. Antes mesmo de enviar a mesma mensagem que escrevera, recebeu outra mensagem e leu:

- Cada momento se parece de máxima importância, por isso, abra a porta.

-Não acredito! Exclamou Manaya em seus pensamentos. Duvidou e respirou com profunda saudade. Mas mesmo assim, continuou na cama.

A chuva começou a cair devagar, como num filme de romance. As gotas pingavam no vidro da janela. Manaya deitou-se no lugar de seu marido e conquistou uma saudade. Na melódia das gotas cerenas da chuva que batiam na chapa, Manaya piscava seus olhos, tentando voltar ao sono, mas de repente ouviu um toque na porta. - Quem deve ser a essa hora? Ele se perguntou.

- Com preguiça se levantou e foi para abrir a porta, e assim que a abriu, o brilho do amor fez parar a chuva. Para que os fotógrafos registrassem esse facto.

- Eu molhei e vou precisar de uma toalha. Disse Talito.

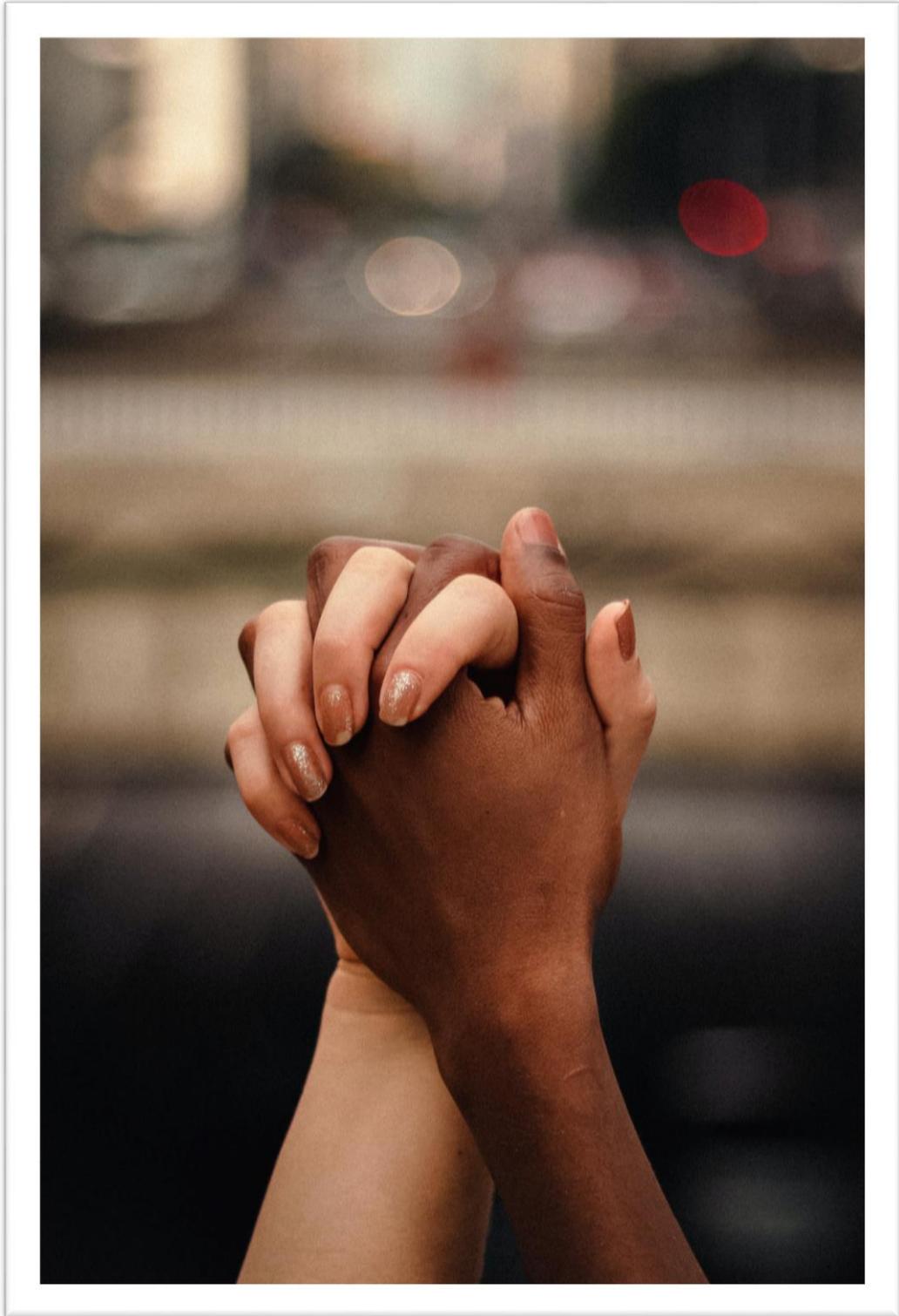
- A toalha está distante, mas eu me ofereço toda para te enxugares em mim, cada gota em seu doce corpo. Venha e se enxugue em mim.

A chuva ainda parecia miúda, mas o amor crescia como plantas vivas em boa terra. Manaya não conseguia se conter, e disse:

- E então, vais ficar aí o dia todo, ou vais me tocar?

Pronto, com chuva, nessa hora, ainda se esqueceram de pai e mãe...

Reticências!



# *Todos os dias assim*

- Eh, a criança engoliu um funge grande, mas mesmo assim não cresceu.

- Oh, funge?! Onde é que ouviste isso?

- Uh, eu te abracei e muito mais, mas, mesmo assim ainda sinto tuas saudades.

Vocêê a saudade das minhas saudades.

- Uh...

- Você é para mim, um presente diário, preciso de admirar e te desembrulhar todos os dias.

- Que surpresa! – Exclamou Manaya. Imagino mesmo que de mim tens muitas saudades, eu sou o seu telefone, toca-me e esteja mais próximo, conecte-me no seu wife.

Talito se aproximou sem demora, e disse:

- É perigoso perder tempo.

- Quanto tempo vou ficar aqui, sem ser tocada? Perguntou Manaya.

- Eu até posso fazer isso, nem que for de olhos fechados, mas...

- Mas o que?!

- Vou mudar o seu batimento cardíaco e temperatura, uhm.

- Mas não é preciso me olhares assim.

- Acredite, eu te olho assim porque vi uma beleza de cor diferente que não se encontra no arco-íres.

- Venha que eu vou sonhar em seus abraços.

No mesmo tempo, os dois falaram a mesma frase, se olhando nos olhos.

- E então, vamos ficar aqui o dia todo, ou vamos nos tocar?!

...

Cada mês, dia ou mesmo semana, se parecia como se fossem muitos anos, mas ao mesmo tempo tudo passava mais rápido, como muitos aniversários; natais e beijos em páginas dessa saudade, mas de igual modo, pouco tempo. E em todo esse tempo, formaram muitos aniversários, muitas alegrias e grandes blocos de lembranças, todas elas, se formaram numa única saudade, registradas nas lembranças até aos dias eternos, como se fosse num único dia de aniversário, marcado em tábuas reais para todas as idades.

Talito se preparava para cada dia, para todo seu futuro, em fim. E, em cada página estava o seu amor, em todas as idades. Ambos se desenhavam e se conheciam bem, mas Manaya conhecia melhor Talito, pois, fazia de seu hobbess, estuda-lo, para melhor agrada-lo.

# Amizade perigosa

- Oi!

- Olá!

- Este é o meu número, me liga.

- Ok.

Muitos dias se passavam, mas Talito não ligava para o número que recebera. Certo dia, distraído em um ofício extra, Talito ouviu uma voz lhe chamar. Virou-se para ver quem lhe chamava, e ambos se reconheceram.

- Oh como vai? Saudou Talito.

- Você é assim, eu esperei a tua ligação. Disse a mulher.

- ...Éh... não liguei porque ultimamente o meu telefone tem estado com a minha mulher. Está a usa-lo para fazer uns trabalhos de investigação.

- Investigação?!

- Éh... quer dizer...

Mas a mulher não esperou ele terminar de falar.

- Toma, este é o meu número. Mas eu também quero o teu número. Ou a tua mulher vai te bater.

---

- Ah, é claro, ela pode atender e não será bom... éh, não quer dizer, mas pode ser ela a atender e...

- Será que você não vai me dar mesmo o teu número?!

- Não... não, quer dizer, sim. Mas eu não ...

...

«Depois de alguns dias...»

- Aló!

- Sim.

Depois de um silêncio nessas páginas, a conversa continuou. A terceira pessoa entrou nesse relacionamento, e era mais forte em tudo, como um deus. Era decerto, uma amizade perigosa.

- Eu sei, mas não tem como, eu também não vou ficar assim. Resolve já! – disse a mulher.

- Mas eu já tinha dito que eu tenho...

A ligação terminou.

Talito não percebia mais nada nem mesmo conseguia fugir de seu estado irresoluto. Manaya conhecia muito bem seu esposo, mas já não conseguia perceber o que se passava com ele. Às manhãs Manaya se prontificava para conversar, como era comumente contar um sonho, mas Talito fugia de tudo, de todos, até dele mesmo. O medo se apoderou dele como uma capa pesada em pleno dia quente de sol, mas proibida de tira-la do corpo.

Manaya começou a entrar em desespero, mas também procurava se ajustar e rever em seus pensamentos qualquer erro que talvez tivesse acontecido ou que ela tivesse cometido. Preocupada, se apressou a fazer tudo para buscar novamente a amizade de seu marido de todas as formas, mas não conseguia colher nenhum sorriso dele. Em vez disso, quanto mais tentava, parece que mais as coisas se agravavam. Irressoluta, sem antes pedir justificações, ficou de joelhos e suplicou na frente do seu marido:

- Meu marido, eu falhei, por favor, me perdoe. Eu não tenho direito de me justificar, falhei contra ti, meu marido, talvez não seja necessário falares as minhas falhas, mas seja como for, por favor, me perdoe, eu te amo e te peço, me dá só mais uma chance.

Talito não conseguia responder, apenas fugia seu olhar. Não sabia como se explicar.

Manaya suplicava pelo perdão, mas Talito não respondia. Não tinha como falar o que realmente se passava. No entanto, Manaya não sabia que Talito também suplicava no fundo de seu coração.

Ele chorava por dentro. Sentia que Manaya é a sua eterna namorada e mulher. Ambos sentiam, de igual modo, a mesma falta dos abraços de todos os aniversários, em fim. Mas tão real como o sol, existiam duas vozes que determinavam em seu ouvido: «- saia daí, ela não!... Já fomos longe de mais. Não tem mais volta.»

Enquanto isso, nas páginas ininterrupta da mente de Talito as perturbações cresciam. Na mente de Talito chovia desespero sem chances para pedir socorro ou quaisquer escolhas. E nas páginas reais, Manaya pedia insistentemente uma e outra chance ao seu marido. Por sua vez, Talito chorava e suplicava porque não sabia o que se passava com ele mesmo. Não queria perder a sua mulher, contudo não tinha força para desistir dessa amizade. Mas não tinha como falar o que sentia, nem o que estava por trás de outras páginas reais ou em memória. Mas tudo o que ele queria, era desistir de tudo, nem fosse para perder seu mais precioso casamento, só para escapar dessa perseguição, dessas ininterruptas vozes, vizível e invisível.

Somente se calava, mas por dentro clamava, se atormentava e por fora a aflição marcava seu rosto e preenxia as páginas de suas vidas, todos os dias.

*- Por favor, me da só mais uma chance, e se eu falhar, eu desapareço, eu vou e não volto mais aqui e não me verás.*

No profundo das imaginações, Talito lutava contra todas as ordens impossíveis de revida-las. Eram vozes com ordens poderosas. Uma das vozes era bem conhecida, mas a outra, se escondia no invisível.

Manaya não parava de repetir - *Só mais uma chance... uma chance.*

Lá no fundo da verdade, agora, mesmo com medo de tudo à sua volta, Talito finalmente respondeu:

*- Eu não penso nunca me separar de você, não é isso que eu quero. É com você que eu escrevi toda minha juventude, é com você que fiz toda minha vida.*

Talito falou isso, mas Manaya não ouviu, pois essas palavras foram ditas no fundo do coração do próprio Talito. Ele clamava, mas não era ouvido; se era ouvido, não era entendido. Por isso, como uma voz estranha, ele gritou nas ruas:

*AQUILO QUE VÊ E SENTE UM CÃO, NÃO TEM ONDE SE QUEIXAR,*

*POR ISSO, FICA MESMO DENTRO DO CORAÇÃO DELE.*

Depois desses dias, se registrou paz, em metade de um tempo. Todavia, isso não era sonho...

# Aquele sonho

*Parecia ser, real...*

Nas imagens de imaginações próprias dos sonhos, em algum momento, em seus pensamentos, caíram algumas gotas de curiosidades, e como sempre, para suscitar a sua mente, ele se atreveu e perguntou:

- E aí, o que vez?

Porém, ele não tinha como se expressar com exatidão. Mas como um sonho, de alguma forma, começou assim:

«Era uma vez um rei muito famoso, respeitado, e modelo para muitos reinos, elogiado e respeitado não só no seu trono e reinado, mas também pelas suas responsabilidades, era abençoado pela admiração do seu poder. Era à vista de todos tratado como um rei condecorado com amor e habilidade de consciência sábia e pura. Ele conservava com testemunhos, todos os elogios com respostas sinseras de paz e amizade, pois, nunca tinha pensado que em algum momento seria rei nessa dimensão. Era rei no palácio e tratado como rei na sua própria casa, não por medo, mas porque os seus, descobriram com clareza que nesse rei, nele e para ele mesmo, o seu futuro e presente se cruzavam com perfeição e qualquer coisa, e, todos se entregavam ao amor às instruções. Tinham tudo e qualquer coisa como uma história, e não como um ato em si. Em cada manhã, as coisas se reedificavam.

Certa vez esse rei chamou a representante e conselheira suprema do seu reino, e, se ajoelhou diante dos seus próprios conselheiros em plena submissão e respeito. Diante deles disse:

- Reconheço que não sou melhor... e nem digno de ser tratado com tamanha nobreza, ou talvez de ser servido por vocês.

Todos se comoveram, correram e juntos se prostaram junto ao rei, testemunharam e juraram pelas suas próprias vidas que, cada um deles nasceu exatamente na hora da asceção desse reino; para servir com amor e por amor, e não por obrigação. Eles levantaram o rei e todo reino festejou.

...

Certa vez um macaco se apercebeu da fama desse rei e entre os comerciantes tecnológicos mais atualizados e músicos, procurou se infiltrar nesse reino. Estudou, leu muitas histórias a respeito desse reino e o tinha bem na palma mão. Procurou esse rei e então lhe disse:

- Bom rei, é bom que caminhes pela flora e conheças todo seu reino, de forma que não conheças só o mundo que governas, mas outros mundos a sua volta e, que esperimentes outros sabores, a fim de pedir aos seus cozinheiros que diversifiquem a gastronomia e provem os sabores de outros reinos. E como prova disso, oh rei prove isto, e, se não for me mate se não for como tenho dito ao meu rei. O rei ficou sem palavras e se rendeu ao sabor do que ele provou.

Com o tempo, o rei começou a se esconder dos seus conservos. Com outras roupas preparadas pelo macaco, o rei saía do seu trono em pés de galo uma e outras vezes. O rei começou a estranhar a comida do seu próprio reino e gastava mais em encomendas de comidas de outros reinos, não calculando as transações de moedas. O seu reino começou a fracassar e a economia se tornou incompleta em todos os aspectos. O macaco fazia parte de um outro reino mas não tinha nenhum poder que pudesse se vestir com roupas reais, mas havia um decreto sobre isso, por isso lhe cobravam muitas responsabilidades sobre as vestes reais que haveria de vir a usar.

Certo dia, o macaco foi chamado no seu próprio reino, na presença do seu rei Elefante, para testemunhar tudo que se ouvia a seu respeito. Na presença do seu rei, o macaco não temeu, mas falou palavras sem verdade, como se fossem verdadeiras palavras. Inventou sem esforço mental todas as palavras ditas e respostas ouvidas. Afirmou ao seu rei Elefante e diante das testemunhas, que tudo se ouvia era verdade, mas que aquele rei já não tem rainha, e que o que se ouve dele, se tratava de um reino passado e não de hoje... mas tão sábio que era esse rei Elefante, pediu ao macaco provas de tudo que dissera.

Apressado, no dia seguinte na presença do outro reino, o macaco disse ao rei Hipopótamo:

- É isso que combinamos.

Mas o macaco já não tinha onde ir senão dormir no seu reino. Ele sabia que lá estaria diante das inquietudes do seu rei. Por isso, o macaco invadiu a mente do rei Hipopótamo e balançou todo o seu reino. Todos vizinhos e não só se surpreenderam com as atitudes desse rei que agora desprezava o seu próprio reinado. Não o reconheciam em nada.

Buscaram os mais sábios estudiosos dentro do seu reino e de outros reinados, mas de um dia por outro, nada mais se entendia. O rei se orgulhava e testemunha as belezas raras de seu reino, mas agora deixava tudo para trás, como obsoletas para um rei.

Os ministros e conselheiros se reuniram para buscarem conselhos para salvar o seu nobre rei e as honras desse reinado em que muitos se orgulhavam e se ajustavam a ele. Mas somente o rei dizia:

- Não dá para falar, mas tenho que ir...

O macaco era chamado na presença do rei Elefante mas fugia e, por sua vez, dava pressão ao rei Hipopótamo, aproveitando e influenciando o seu desequilíbrio. O rei Elefante desconhecia toda essa influência negativa do macaco noutros reinados. E noutro lado, o macaco agora estava a jogar com o tempo, para que antes de ser chamado pelo rei Elefante ter tudo bem pronto. E disse: para o rei Hipopótamo:

- A solução é você fugir, enquanto é cedo - dizia o macaco ao rei Elefante antes que seja envenenado ou que venhas sofrer um golpe, pense nisso oh rei.

Mas o rei Elefante, por muitas experiências e na sua sabedoria, disse ao macaco:

- Todos os Hipopótamos sabem que todo aquele que já foi rei ou queira sê-lo tem de passar pelo teste de puchar a corda. Deve se apresentar. O rei Elefante ainda disse:

- Oh macaco, eu te juro que se com você não der certo desta vez, a sua dor sob meus castigos será um exemplo na praça pública, porque você, oh macaco estás a desafiar as nossas experiências. O macaco tremeu um pouquinho. De noite, correu ao rei Hipopótamo e disse:

- Tem que ser agora, ou você pagará pelo seu reino.

O rei Hipopótamo se espantou do sono e temeu, agora estava mais claro, mais uma voz se apoderou da situação, debandando emocionalmente, a sua saúde entrou em baixa, mas agora o macaco deu a data ao rei Elefante e ao rei Hipopótamo para o grande desafio.

Nas inquietudes dos dois reinos, de longe, o macaco apreciava tudo entre as árvores de seus prazeres. O macaco estava confiante em qual rei cabia a vitória, pois preparou e proibiu o rei Hipopótamo de mostrar qualquer resistência. Dois reinos desconhecidos, e desconhecendo o jogo, de igual modo não sabiam que ambos estavam a ser dominados pela falta de conhecimento.

*Oh! então é verdade; O meu povo morre por falta de conhecimento.*

*«Contudo, de alguma coisa se sabe, mas, ignoram?!»*

Mas o macaco impune, desfrutava por cima das árvores, comendo banana enquanto lágrimas formavam rios, em muitos reinos e corações. O rei Hipopótamo tentava reconstruir o seu reino, mas não conseguia escapar das cordas do macaco. Tentava rasgar suas lembranças com exclamação, de grande dor dizendo:

*«- Ah! Como é grande a minha aflição! O jugo das minhas transgressões foi atado... abateu a minha força;... caí nas mãos daqueles a quem não posso revidar. O Senhor disperçou todos os guerreiros que estavam comigo.»*

- *Como posso eu ir a essa batalha? Pensava ele. Pensava em como fazer, visto que não tinha provas de que não era um rei sem rainha, antes, mesmo mascarado ele era rei à vista. Mas o macaco disse:*

*- Não se preocupe, eu cuido de tudo. Está marcado.*

O rei Hipopótamo fugiu dessa prova uma e outras vezes, até pensou em desistir de tudo na vida só para escapar dessas dúvidas. Mas os ministros do seu reinado o buscavam pelas ruas... mas ele fugia do reino, de outros seres comuns e incomuns, das tecnologias, do passado e do presente até do futuro; deixou de ser rei e se entregou aos pulos pelas árvores como macaco e com o macaco, e nunca mais voltou a ser rei.

*Éh, assim mesmo...*

# *Páginas sem título*

Como se fosse um sonho, certo dia uma nuvem de tentações vestida de muitos problemas bateu a porta dessa casa. Talito se apressou a chegar a porta, e repreendeu dizendo:

- Felizmente não podes entrar, porque aqui não temos nenhum lugar para ti.

Mas o problema se apressou a responder:

- Não se preocupe, eu já trouxe a minha própria cadeira.

Um tempo passou e, muita coisa estava a dar errado sem se compreender... uma nuvem, como se fosse capa cubriu todo o corpo de Talito.

- Sabe, - disse ele para Manaya, eu me sinto estranho, como se eu não fosse mais eu, sabe... sem força, sei lá... sem vontade de nada, até de viver.

- O que?! – gemeu e exclamou Manaya. O que se passa com você meu amor?

- Éh, como se tivesse feito uma coisa de grande culpa, como um convite ou decreto para desistir de mim mesmo, e de tudo.

Ao ouvir isso tudo e muito mais, Manaya gemeu de medo, de dor e disse:

- Por favor, não tenho forças para ouvir isso.

Por trás de tudo que acontecia, existia uma grande e poderosa amizade perigosa com influência negativa. E o tempo passava...



# *o segredo da água*

*De noite, em meu leito, procurei aquele a quem o meu coração ama; procurei-o, mas não o achei. Levantei-me e percorri a cidade; pelas ruas e pelas praças busquei aquele a quem meu coração ama. Mas não o achei...*

E o tempo passava. Outro tempo chegava, a distância consumia Manaya. Sua cabeça já não encontrava amparo no colo perfeito do seu amor e as noites se tornaram frias, e, o pior espreitava. Manaya começou a se sentir preocupada e deprimida. Estava a perceber que os seus aniversários estavam a se perder. Ela sabia que por trás dessa toda acção de Talito, existia uma cortina de influências.

Amanheceu muitas vezes, mas seu marido já não lhe perguntava, - *sonhaste o que?* Estava claro, as manhãs já não eram brilhantes.

Para salvar seu casamento, Manaya procurou ajuda, mas Talito fugia de todos, dele mesmo e até mesmo de sua própria casa.

- *Mais vale morrer, - dizia ele.*

...

Talito sentia saudade do seu próprio casamento, tentava fugir dessas vozes, mas parecia que andavam com ele em todo lugar, como sua própria sombra. Certo dia, diante de sua extra amante, Talito ganhou coragem e disse para ela, mas em sua mente, ó macaco:

- *Escuta, isso não vai dar certo, lá não vai dar para me divorciar.*

Mas não era só voz uma sobre a qual se podia questionar ou revidar.

- *Já fomos longe de mais, já não tem volta. Temos que continuar. Também não vieste só para brincar com a minha cara, não e não.*

- *Mas, e se eu morrer?*

- Então foge, eu vou te ajudar, ou podemos fingir uma coisa que vai lhe deixar desistir.

- Mas isso não vai dar...

- Faz só!

...

Ao voltar para casa, Talito percebeu que Manaya estava com os olhos cheios de lágrimas e perguntou:

- Por que choras?

- Meu amor, não percebes?!... querido não percebes que os nossos aniversários estão a se estragar. Olhar para você é como ter a sorte de viver... mas estamos do jeito que estamos, não vez? O que será do meu amanhecer, o que será sem voce?

- Não se preocupe, vou te ajudar. Não vão passar fome.

Manaya se levantou e caminhou em direcção a Talito. Talito se endireitou em sua posição. Olhando para Talito, Manaya disse:

- Não é de comida, não é de casa nem de distância. Trata-se do futuro, trata-se de você. Olhar para você é como ter a sorte de viver. A sua distância me reduz a nada.

...

Manaya procurou uma das suas tias. Em conversa, essa lhe disse:

- Minha sobrinha, nesse momento fica complicado você falar com ele, mas como têm mesmo de conversar, antes de falar uma coisa, tens que ser cautelosa.

- Tia, cada momento da minha vida foi e é dedicado ao nosso amor, unicamente com ele. Ele é para mim, uma escola da vida, eu ainda sinto que ele, como sempre, me chama para me ensinar, como um pai ensina sua filhinha, mas lá no fundo os seus beijos é que já não são os mesmos. Como posso ficar distante dessas aventuras, em que posição?

- Minha filha...

- Tia, ele não era pessoa que falava muito, mas agora só quer falar e trocar palavras comigo. E quando eu falo, nem que for para lhe agradecer, ele se sanga.

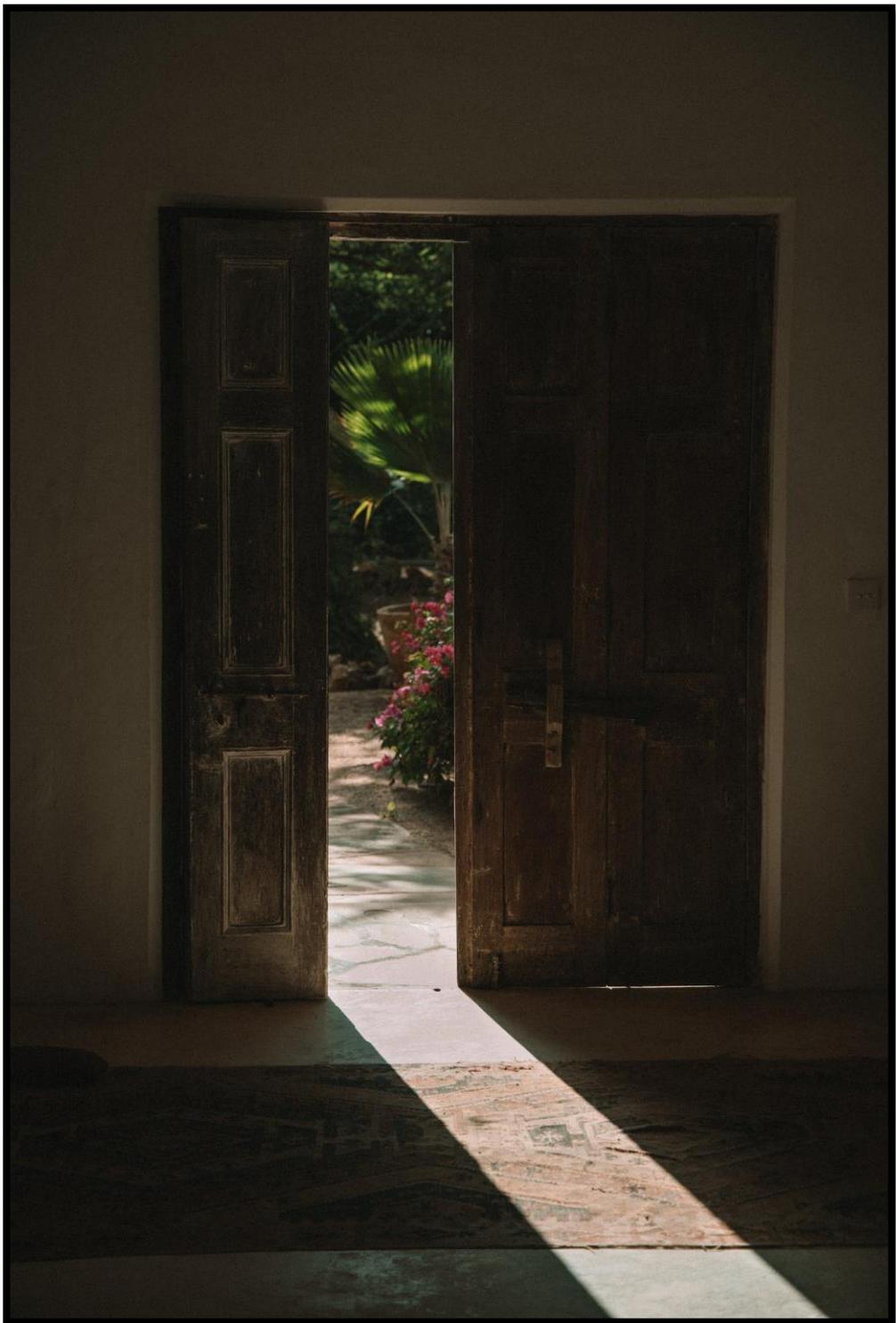
- Minha sobrinha, quando as palavras são de prata, o silêncio é de ouro. Sabe, vou te dar uma receita de água que vai te ajudar muito. Até podia de dar água aqui, mas para não pensares mal, faz o seguinte, passe por uma lojinha e compre uma garrafinha de água, de 1 litro ou de meio litro e, vais guardar no teu quarto ou num lugar estratégico.

- Comprar água?!

- Minha sobrinha, essa água você vai guardar num lugar estratégico. Não importa onde, na sala ou no quarto, sei lá. Sempre que o filho Talito quiser discutir com você, e você quiser lhe responder, então se lembre dessa água, pega e bebe-a, ou melhor mete água na boca, mas deixa ele ver você a beber a água. Vais meter essa água na boca mas não podes engolir. Essa água deve ficar mesmo na boca, para ocupar a boca com água, em vez de ocupa-la com palavras torpes que vão estragar o seu casamento. Assim, se quizeres responder, não terás como falar porque a boca estará cheia de água e, é claro, evitarás discunções.

Saindo daí, como chuva, as dúvidas caíam em seus pensamentos.

*Ó vinde ver quão grande é minha aflição. Já não estou com a coroa que minha mãe me corou no dia do meu nascimento, no dia da sua subleme alegria do seu coração.*



# Um bilhete

Em tempos de luz e paz, Talito gostava sempre de ajudar a sua esposa nos afazeres de casa: arrumando a casa, varrendo o quintal, enxaguando a loiça enquanto Manaya lavava. Mas desta vez ele não arrumou a casa com beleza nem com flores, ele arrumou a casa com problemas. Mas ele percebeu que a pessoa que mais amava estava a sofrer por causa dele, contudo, não conseguia se controlar, também sofria, mas não tinha forças para contrariar a realidade em sua dupla perseguição, mas Manaya insistia com humildade:

- Por favor meu querido, o que se passa contigo?

- Não dá para falar.

- Como assim não dá para falar?

- Uh, o que vê e sente um cão, não tem como falar, morre mesmo dentro do coração dele.

- Meu amor eu estou aqui para te ajudar. Fale, pegaste uma coisa estranha, comeste algo de alguém, tens uma dívida, o que se passa?

Manaya suplicava a Talito, mas ele não se explicava.

Depois de um tempinho, Manaya ficou sem jeito. Não sabia mais o que fazer. Olhou para Talito e disse:

- Por que não choramos enquanto conversamos?

- Chorar? por que?

- Porque eu vejo nosso casamento a se destruir, e você não está se preocupando com isso. Meu amor, cada momento da minha vida é dedicado no nosso amor e você quer que eu saia disso assim?

Talito não conseguia explicar bem o que se passava com ele, mas desta vez conseguiu responder.

- As pessoas falam que essa é minha vida, brincar... Que tudo que faço, e tudo que está a acontecer é um plano meu, que estou consciente e é de propósito. Mas, mas... se isso tudo que está a acontecer comigo fosse algo como uma camisa, eu devia tirar e alguém devia se vestir para sentir e experimentar o que sinto. Mas não dá. Por isso que não entendem, falam, mas em nada ajudam.

- Manaya começou a chorar.

Talito não suportava ver sua amada sofrendo e, fazia de tudo para evitar isso, mas seus esforços eram quase como nada. Seus pensamentos estavam desorientados. Mais uma vez ganhou coragem e disse:

- Não deixe que as lágrimas pintem seu doce sorriso com tristeza.

Ele sentia o peso dessa dor, mas muitas vezes não queria se mostrar fraco diante dela. Por isso, vezes sem conta ele saía para um cantinho de casa e em desespero, chorava profundamente.

Talito saía de casa muitas vezes, e voltava de vez em quando. Dormia alguns dias fora de casa e voltava, mas a sua roupa estava sempre aí, em casa. Certo dia, Manaya saiu para outros afazeres. Quando voltou a casa, com um presente na mão, percebeu que a casa estava em falta. Talito já não estava lá, arrumou sua roupa e se foi para qualquer direcção. Manaya chorou como nunca em toda sua vida. Clamou aos deuses, mas a sua voz bateu contra as paredes. Inerte em vazios pensamentos, consultava seus pensamentos, mas o vazio era maior do que as dúvidas. Olhou para qualquer direcção e viu um bilhete deixado por Talito. E ela leu:

*"Chega de fingir. Não é o que eu quero...*

*Preciso de ajuda. Mas não me procure."*

---

Talito obedeceu... e foi para uma direcção incerta da sua vida. Foi para um caminho que ele mesmo desconhecia, foi, sem direcção. Ele sabia que estava a trocar o certo pelo incerto. Mas lá onde foi, sua mente burbulhava nas páginas da saudade, mas não tinha força para voltar para sua casa. E muito chorava e se arrependia, mas como revidar? nem mesmo podia voltar para casa por um dia... *O medo por um mal, em seus pensamentos, era como o sol em pleno meio-dia, sempre presente.* Agora, já não tinha seu doce abraço presente, nem igual. Seus lábios estavam vestidos de pleno silêncio. Tudo lhe parecia

contrário, mas o seu coração estava como o sol quente, e fogo furioso, como buscando um dilúvio.

Sua vida se tornou uma viagem, verdadeira, ao mesmo tempo de repletas imaginações. Cada passo cheio de perigos e sua real saudade, como uma arma contra si. Mas as ordens dessas vozes eram como uma missão contra-destrutiva.

...

Como num filme em comentários, num lugar certo de seu amor, nas muitas saudades; como numa tela de TV dividida a dois, Talito e Manaya mesmo distantes um do outro, choravam ao mesmo tempo. E muitas vezes na presença de muitas dúvidas, como caminhantes na mata, distante de casa, testemunhando a chegada do crepúsculo.

Saindo desses todos pensamentos, Talito se trouxe de volta a casa, e se achou mesgulhado nas suas próprias lágrimas.

- Tenho saudade da minha vida real. Da minha esposa, do meu lar! Mas o que se passa comigo? Que amizade perigosa.

Deixou a sua casa confortável, adornada de abraços e amor, agora, opa, em algures da cidade, Talito se encontrava deitado no chão, abraçando as pedras geladas, com os olhos cheios de lágrimas e dor.

- Que horas são? Talito se perguntava.

Fechou os olhos e esperou a noite terminar.



# A oração

Grande era a aflição de Manaya. Com comida na boca, chorava. Chorava com o telefone na mão. Enfim chorava, com as saudades dos abraços reias, agora vazios. Olhou para todas as direcções em sua volta em seu pensamento, não via nada e não conseguia pensar em nada, senão chorar. E começou a pensar: - Quem me criou? Então, qual é a razão da minha existência?

Caiu de joelhos e então, orou a Deus:

*Bendita seja a glória de Deus na sua habitação!*

*Grande e Poderoso És, oh amoroso pai, nosso Deus...*

*Louvado seja o Seu nome, na terra e nos céus.*

*Grata estou por me escolher para viver.*

*Tudo depende de ti, Senhor, És meu criador...*

*Perfeitos são os Seus plenos, sabes a razão da minha existência.*

*Eu sim, eu é que pequei contra ti...*

*Rendo-me agora diante de ti, me arrependo e confesso todos os meus pecados.*

*Reconheço a Sua graça sobre mim...*

*Meu senhor, eu era vista como bendita e agraciada mulher.*

*Muitas eram minhas alegrias...*

*Mas a sua graça se foi, e hoje só restaram os meus pecados.*

*Lembre-se de mim e me console.*

Silêncio... Lágrimas.

Enquanto Manaya chorava e orava, a sua bebê ao lado brincava e chorava ao mesmo tempo com ela. Manaya lhe consolava, mesmo com os seus prantos, e depois voltava a orar:

*Senhor, lembre-se do que aconteceu connosco; considera e olha para a nossa desgraça hoje.*

*Minha erança passou para estrangeiras, e minha casa é agora como de uma viúva, pago para beber a minha própria água; recebo meu abraço em troca de pagamento, nossos perseguidores estão sobre os nossos pescoços, estamos cansados e não temos tranquilidade.*

*O meu marido arrisca a sua vida, em troca de um pão pisado e de desconhecida fonte, isto por causa do pecado que habita em nós.*

*As crianças são desprezadas e dos idosos não se dá o devido respeito. Minha alegria acabou; ontem ao receber meu marido, eu dançava, mas isso se tornou em lamentações.*

*Caiu a coroa da minha cabeça. Ai de mim, porque pequei contra o meu Deus! Por isso meu coração desmaiou; por isso meu coração se enxeu de lágrimas...*

*Mas Senhor, tu permanesses eternamente e assentando estás no Seu trono de geração a geração; por que te esquecerias de mim para sempre? Por que nos desampararias por tanto tempo? Restaura-nos a ti para que nos voltemos a ti, Senhor; renova os nossos dias como antigamente; se é que não nos rejeitaste totalmente, se é que não estás irado de mais contra mim, por causa da multidão dos meus pecados.*

Silêncio... Lágrimas.

*Muitos são os meus pecados, mas a sua palavra é a verdade, e nela vou me ater, buscando consolo e graça que só vem de ti.*

*Porém, meu Senhor, seja feita a sua vontade...*

Silêncio... Lágrimas.

*Em nome de Jesus...*

Silêncio... Lágrimas.

*AMÉM!*



# Saudade

Na manhã seguinte, Talito sentia o frio forte a lhe julgar por tudo na vida. Encontrava-se em aflição desajustada, como um cantor aflito desarrascando melódia em pleno palco no dia da sua fama, embrulhado em sua própria voz. Talito criou asas, viajou na saudade e começou a falar em seus pensamentos: - *Doutora da felicidade e especialista em nutrição...*

No silêncio de muitos dias, a mente de Talito se motivava por muitas saudades. A todos saudava com lágrimas, às saudades de sua vida; mas mesmo assim era visto como inimigo da sociedade. Foi aí que ele acreditou; estar próximo de alguém nem sempre é viver no mundo dele. Despido de força, dizia: - *Quero voltar, por que sofro aqui?! -* pensava ele.

Ele se afastava, mas seu coração gritava como uma canção entre as árvores agitadas pelo vento: - *Oh minha linda essa distância está a me reduzir a sinza.*

Como sempre, estava vestido de saudade e muito mais como nunca, estava apaixonado pelo seu próprio casamento, mas agora via a sua amizade a distância, como uma oportunidade incerta.

Tão certo como aspirar o aroma de uma flor afeta o equilíbrio hormonal, o sistema nervoso, o aparelho respiratório e até mesmo o nosso estado de espírito, Talito a dor, se tornaram um, mas não sabia o que fazer. Uma grande tempestade ocupou toda sua direção. As noites, eram mais escuras e as horas como um velhinho debilitado e sem força até para mastigar os alimentos que já estavam na sua boca.

A terra o negou. Suas roupas sujaram com o olhar negativo da sociedade. A mesma sociedade se corrompia com a incomensurável admiração ao que chamavam de "mistério". Não era possível acreditar. Ele nao acredita, nem as pessoas.

- Talito e Manaya estão separados?! Eu duvido.

- Hoje não é dia de mentiras? É verdade.

- Não pode ser?! É verdadeiramente impossível.

Enquanto a sociedade se agitava com esse facto, para Talito não andar nu, se vestia de desespero, vergonha e medo, até medo de viver. Isso se tornou para ele, como roupa diária. Para ele, todas as luzes da felicidade e todo o prazer de viver, estavam expelidos de seu vocabulário de vida. Como um olhar desconhecido, a beleza das cores e o fulgor se murcharam. Tão certo como a noite mais negra, e um escuro possível de ser palpável, assim se tornou sua vida. A própria terra lhe negou...

Noites longas, eram para si como chuvas em plena construção de um prédio de abode. "*Coitado!*" Deixou para trás um palácio e agora, em algures dessa terra, dormia por cima das pedras, estendendo apenas panos rasgados, e, aperfeçoando seu estudo de matemática, contando as chapas e as horas em todas as noites. Que mistério real!

Quando a noite terminasse, Talito sentia aquela saudade do amanhecer e a doce madrugada de afetos. O silêncio lhe solicitava os afetos singulares, e monologava.

- *Sonhaste o que?*

Tão certo como a necessidade de querer explicar por via retal, era impossível negar a necessidade de voltar para casa. Mas por trás de todo o seu desejo, havia uma grande influência negativa, forte e de ordem. - *Você lá não pode voltar. - Mas se isso não der certo? – Não importa.*

Entre as dúvidas e a dor, Talito tentava negar tudo e fugir, mas essa voz era imponente e temerosa para qualquer ouvido.

...

Cdepois de alguns dias, Talito recebeu uma mensagem e leu.

*"Não brinques comigo, vou te por na cadeia..."*

- Quem enviou essa mensagem? - perguntou a sua amante.

- Eu conheço. – respondeu Talito.

- Ah, não liga isso.

- Não brinques, eu posso morrer. Eu conheço quem enviou essa mensagem. É melhor eu voltar para minha casa.

- Não vais nada.

- E se eu morrer?

- Mas não volta só. Vamos fugir.

-----"Mas que merda, ela nem se importa se eu morro ou não!"-----

- "Mas que merda, ela nem se importa se eu morro ou não!" Talito reclamava no seu interior. Mas em seus pensamentos a voz insistia: - não importa mesmo, entre nós tem que dar certo, também já fomos longe de mais, isso tem que dar certo, porque se não der, em minha casa também vão me atacar. Porque eu lhes desafiei.

Talito sabia que fugir as pessoas era fácil mas o difícil era fugir de si mesmo. Ele tentava escapar de tudo mas era impossível. Era como sua própria voz. Sua voz era como seu próprio inimigo. Como fugir de seus próprios pensamentos?

Como um castigo presente, a outra voz, que se escondia no invisível, também se apressou e entrou em jogo e apresentou as suas ordens. Talito ficou atordoado.

Ele sentia a sua alma presa, mas ao mesmo tempo a espera de uma cerimónia num mundo desconhecido. Sentia a dor presente e o medo era o único amigo que lhe restava.  
- *Que medo! é melhor morrer?!* Preferia ele em suas profundas aflições.

Mas em fim, decidiu se levantar, nem que for para morrer e disse:

- Nem que for para morrer lá, lá é que é a minha casa.

Ao pensar assim, seu coração sorriu. Ele se levantou e foi para o seu doce lar.

Mais uma vez Talito deixava para trás uma história incompleta e incomum. Mas a parte boa é que, Talito conseguiu voltar para o seu lar.

Ao chegar a casa, percebeu que as paredes estavam vazias e sem felicidade, repletas de silêncio. De noite, explicou toda a verdade, e se abraçaram com verdadeiro perdão em plena amizade. E choraram juntos. A noite foi calma e plena de vida.

De manhã, Talito se apressou a perguntar para Manaya.

- Minha querida, minha querida, por favor, me conta, sonhaste o que?

Manaya ao ouvir essa pergunta, os seus olhos se encheram de lágrimas. Mas ambos se consolaram. E então contou todas as suas saudades, repletas de lágrimas e suplicas.

- Meu amor, cada momento da minha vida é dedicado no nosso amor.

Depois de muitas horas, Talito se preparou para ir trabalhar.

- Eu vou sair, meu amor, vamos nos ver mais tarde.

- O que temos para o nosso jantar?

- Uh, vai depender do beijo que me deres, agora.

- Ok, mas posso sugerir arroz com feijão para o jantar? e, quem sabe assim ganhas qualquer coisa em boa medida?

- Uh, você está em meu coração, você é a minha respiração. Sabe, quando você me olha, com esse seu doce ser menina; com essa sua gula de ser criança... Você é o meu cofre, meu ramalhete completo de beleza.

Ao olhar para Talito, Manaya não só via um homem, via sua esperança. Nessa hora, o rosto de Manaya se tornou como uma tela do universo, e era possível reconhecer o verdadeiro significado da vida. Seu olhar descrevia o nascer do sol, como que, com estrelas assanhadinhas num jardim nunca revelado para este mundo. Foi nesse dia que se descobriu a existência das estralal. Sim, existem para completar a saudade de muitas noites, como aquelas saudades de palavras raras, onde os gemidos chegam a ganhar vida; onde é permitido desarrumar os lençóis... *Opa!, essa parte seria segredo.*

Talito sempre que olhasse para Manaya, descobria uma nova amizade para si, e, desta vez, ele olhou para Manaya e descobriu o verdadeiro nome da palavra sorriso. Mas não escreveu, senão, nas páginas de seu coração.

- Manaya, minha linda e única mulher, eu aprendi a amar quando te conheci.

Manaya sorriu com toda sua força e se entregou à emoção. Com sua mão, ela tocou no rosto de Talito, e ele se lembrou e reconheceu aquele toque. Talito desenhou um beijo celado nos lábios de Manaya e como uma criancinha, ela correu. Com vontade de voltar para receber mais um abraço. Talito ficou olhando para as saudades que lhe esperavam e

uma lágrima rolou no seu rosto. *Ei, homem não chora. Deixem-me em paz, só eu sei o que é viver na saudade.* – Estou em casa. Como é bom voltar. Você sabe o que é isso significa para mim?! Eu me sinto vivo. Vivo.

Ele se sentia vivo, como pela primeira vez em uma vida. Sentia-se de volta a sua real vida. E, se em um momento em seus pensamentos se lembrasse da sua dor e de onde vinha, ele insistia pela primeira vez em ficar.

E lá no fundo, como uma cortina se abrindo, uma reviravolta das suas vidas parecia se renovar, e a luz de um novo amanhacer espreitava e nova era estava por vir. Ele sabia que agora terá que engolir todo o seu orgulho, pois, voltar para casa e enfrentar esses inimigos, agora mais reais ou invissíveis, não se trata apenas de um simples passado. Mas terá que lutar de igual modo para concertar seus erros primeiramente e, se provar capaz e, digno da confiança e do seu amor que muito chorou. Mas enfim, assim como a vida, cada página tem sua própria vírgula mas, algumas lembranças chegam a ter a fama de uma paixão proibida. Mas ainda assim, eles voltaram a viver suas vidas.



# Uma vírgula

*Eu abri a porta para o meu amado. Mas em vez de ele entrar, ele saiu, e já tinha ido embora. Quase desfaleci porque ele fora. Procurei-o, mas não o encontrei; chamei-o, mas ele não me respondeu.*

Como páginas reais num álbum de fotografia, a doce memória se suscitava nele. Talito deixou para trás as dores e as madrugadas frias. Manaya refletia no mais profundo de seu doce amor recuperado; As poucas horas que passamos juntos a cada semana são deliciosas, repletas de sutilezas, de palavras não ditas, de olhares carregados de outros sentidos, como paixões escorregadias. Já estamos nessa há muito tempo, sim, decerto que desde o início do universo, pois; viu Deus que tudo era muito bom. Um amor desejável e um passo certo aos abraços sem inquietudes, depois outro, então de volta ao início de tudo. Sinto que é o momento de recomeçar e avançar, de conquistar mais espaço em nós mesmos. – Uh, minhas mãos suam, meu coração palpita. Mal vejo a hora. Eu te desejo.

- Sêrio?

- Agora!

Como é bom tê-lo de volta. Será agora, deverás maravilhoso.

Como uma equipa trabalhando para o mesmo doce fim, o amanhecer tinha sempre o seu papel

...

Como uma equipa trabalhando para o mesmo doce fim, o amanhecer tinha sempre o seu papel. Mas, quando uma história termina, uma outra tem que começar. És, o destino sempre tem seu papel. E como se pode saber, o curso natural das coisas é que, quando uma história termina, uma outra começa.

Muitas vezes, os olhos se fixam no singular do sorriso, e tornam as saudades eternas.

...

A vida para esse casal voltou a ter saúde... e houve um silêncio...

E houve um silêncio...Por poucos dias.

Numa manhã, depois de poucos dias... Manaya pensou em fazer uma surpresa para a mesma noite. Saiu mais cedo...

Enquanto Talito se preparava, olhou para o relógio, opa!

- 06H45m. estou atrasado.

Assim que ele se lavantou para sair, o seu telefone tocou e leu a mensagem.

*«- Não te esqueças que só estás aí, mas a finguir.»*

Ao terminar de ler a mensagem, Talito gemeu de medo, até medo de morrer. Olhou para a sua mochila, e pensou, - essa mochila é pequena...

Pegou na mochila, arrumou como em tempo de guerra e, foi.

Foi aonde? sem direcção, apenas foi.

...

Oh... lágrimas demoradas no rosto.

*Para onde foi o teu amado, ó tu, mulher escolhida nossa?*

*Aonde foi o teu amado, a fim de que o procuremos contigo?*

...

Em seus pensamentos, Manaya se lembrava das seguintes palavras de Talito:

*«- Eu te amo muito... Escuta, você está proibida de morrer antes de mim. Eu não vou suportar isso, não vou.. »*

Mas agora, por quê?

Mas também se lembrava da sua resposta:

*«- Ah não... ah não... meu amor, não se esqueça que temos um encontro marcado na velhice... Você é o meu futuro, a velhice é o nosso jardim.»*

...Ainda não **é o fim**...

# *Eu não morro*

Nunca, já mais!

Eu sou a saudade, não mudo.

No mundo todo, nas canções me citam,

Algumas, repletas de amor,

Em outras, repletas de ódio, mas lá também eu estou.

Eu sou a saudade

Eu sou a saudade

Em corpos me conjugam como abraços

Histórias e estórias são desenhadas

Fotos são tiradas e lá, estou eu

E lá no fundo dos corações sou convidada  
e sinto saudade das minhas próprias saudades.

Eu sou a saudade

Eu sou sempre, eu mesma,

Sejam de amor ou de ódio

As lágrimas caiem

Porque eu tenho poder como de muitas águas

Sabor na sede de lágrimas

Fome das lembranças de uma viagem de amor

Eu sou a saudade

Onde o sorriso não está, lá estou

Mas onde o sorriso está, também estou lá

Onde o ódio não está, lá também estou

Onde o ódio está, eu também estou lá

Ressuscito corações...

Alimento vidas

Na incerteza, faço nascer novos caminhos

Eu sou a saudade

Ei, atenção!

Nem sempre as lágrimas significam dor,

As vezes se chora por certas saudades.

Quem sabe, por um segredo

Posso não conhecer todos os caminhos do mundo,  
mas algum dia vou ter domínio de palavras que serão mesmo minhas,

para dizer:

Você é o meu caminho, isso importa!

Na saudade, há muitas coisas que se pode expressar.

---

# Sobre o Autor



**António Fernando Cambongue** nasceu no Lubango, província da Huíla, em Angola. Estudou Ciências Humanas no antigo Colégio Novo Horizonte, hoje Complexo Escolar Privado - Novo Horizonte, no Lubango.

Quando a mente está lúcida, com uma esferográfica na mão, os dedos dançam na pista de papel. Por isso, se vai chover ou não, olha nos céus, não pergunte à galinha.

Mas, na verdade "você" é a minha inspiração; enquanto você estiver aí... Ainda tem mais um...



# **ROMANCE SEM TÍTULO**

**Autor:** Fernando Cambongue

**EDITORA DIGITAL**

**"ÁGUA PRECIOSA"**

Telefone: 923 407 949

**Projecto gráfico**

Mukereng Mpôio Calunga Cardoso



Todos os direitos desta obra reservados a

**Fernando Cambongue**

Este E-book está protegido por  
Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

---

---

**"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA  
AUSTRAL**

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL  
PORTUGUESA**

Esta obra está sob uma *Licença Commons*.  
Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que  
Seja dado crédito aos autores originais –

*Não é permitido modificar esta obra.*

*Não pode fazer uso comercial desta obra.*

*Não pode criar obras derivadas.*

A responsabilidade  
Pelos textos, músicas e imagens  
É exclusivamente do Autor.

# R o m a n c e

## Sem Título

Como em passos na areia, Talito e Manaya sonhavam os mesmos sonhos e se reviam confidencialmente como marido e mulher, mas acima de tudo, como amigos íntimos. A atracção da natureza lhes conhecia e, o futuro, mesmo sem idade, lhes esperava.

Manaya com sua sabedoria e mestria, se mostra sempre acolhedora de seu marido. Fazia de sua casa uma fortaleza de puro character, oficina de trabalho, cofre de honra, ninho de amor, escola contra renúncias degativas, oásis de abraços e sorrisos de boas-vindas e um refúgio seguro; como se de um templo se tratasse. Assim viviam, confidentes um para o outro, seu marido Talito... ATÉ QUE um dia, OS PROBLEMAS CHEGARAM A CASA DESSE CASAL e, ao baterem na porta, querendo entrar, o dono de casa se apressou a responder:

- Felizmente não podemos recebê-los em nossa casa, porque já não temos mais nenhum lugar aqui.

Mas o problema se apressou a responder:

- Não se preocupe, nós já trouxemos a nossa própria cadeira.

Será que essa mão negativa e fria contra esse destino ansioso chegou a lhes tocar?

Bem, talvez seja esse, um bom motivo para começar a ler este livro.

---

*António Fernando Gambongue*

---